

# REVISTA MODERNA

Magazine Brasileiro

Director : M. Botelho

## Revista Moderna

Publicação Quinzenal Illustrada

Artes e Letras

### Summario:

MAGALHÃES DE AZEREDO

Mario de Alencar

Com 5 photographias

O ASSASSINATO  
DA IMPERATRIZ D'AUSTRIA

M. B.

Com o retrato da Imperatriz

TERRAS DE HESPAÑA - O ESCORIAL

Alfredo Mesquita

Com 4 photographias de J. Molina

WILHELMINA DE ORANGE —  
RAINHA DE HOLLANDA

L. S.

Com 4 photographias artisticas

AS FESTAS  
DA COROAÇÃO NA HOLLANDA

Antoni

Com 6 instantaneos do autor

A CIRCULAR MOURA VIEW

M. Botelho

DRESDE

Notas e photographias de nosso correspondente

J. Diogo

O MONTE VALERIANO

Mario Toledo

Com 2 photographias

SPORT — AS REGATAS DE KIEL  
E AS FESTAS DE BADEN

Theodoro de Willy

4 instantaneos do autor

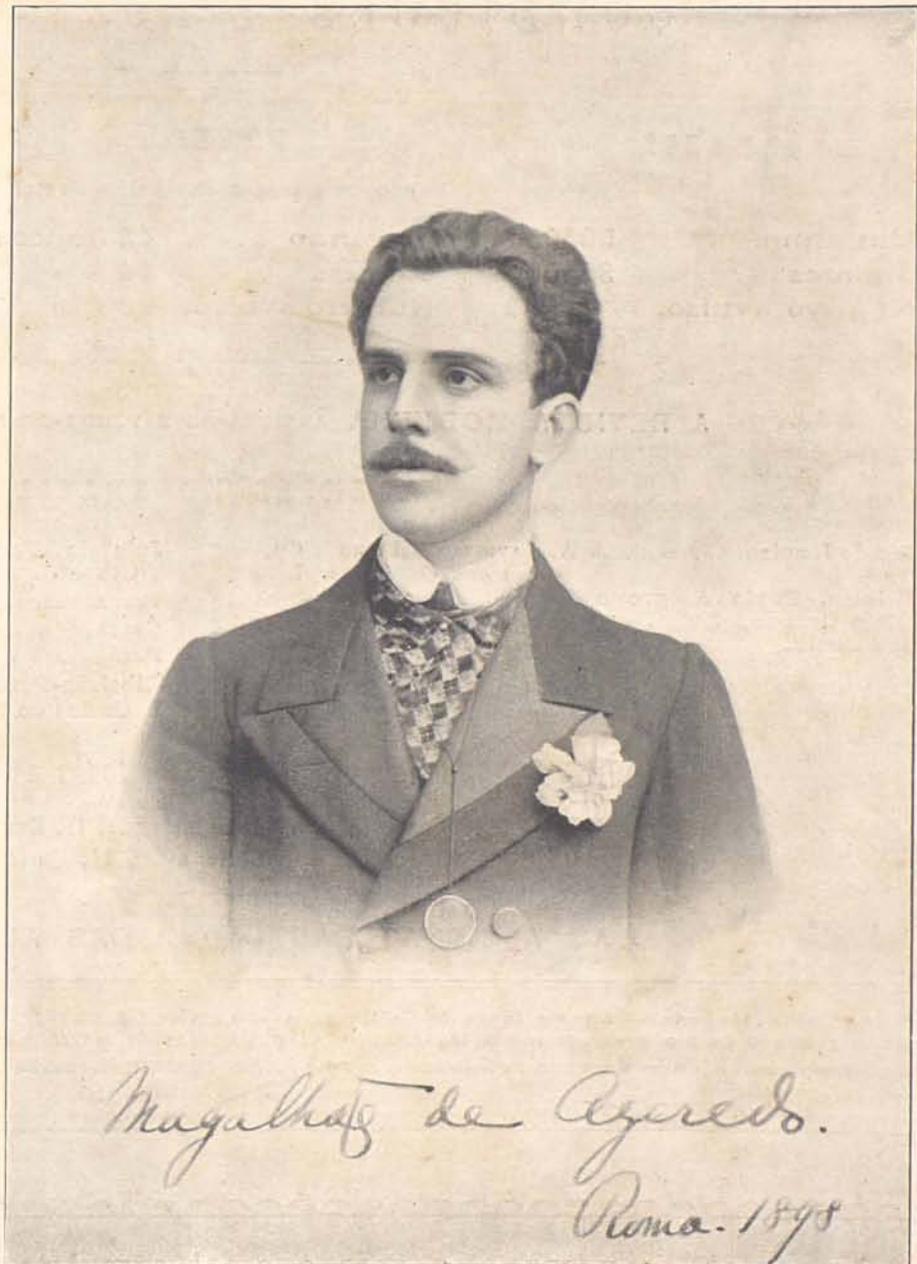
O « BALZAC » DE RODIN

C. R.

Com uma photographia

A ILLUSTRE CASA DE RAMIRES

EÇA DE QUEIROZ



Redacção e Administração : 48, Rue de Laborde — PARIS

# Revista Moderna

PUBLICAÇÃO QUINZENAL-ILLUSTRADA

DIRECTOR: M. BOTELHO

COLLABORAÇÃO LITTERARIA DOS MELHORES ESCRIPTORES DO BRAZIL E PORTUGAL  
E ILLUSTRAÇÃO ARTISTICA  
DOS MAIS NOTAVEIS DESENHADORES DE PORTUGAL, FRANÇA, INGLATERRA E ALLEMANHA

## CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

### BRAZIL

### FRANÇA

### PORTUGAL

e outros paizes da União Postal.

Um anno.	50\$000	Um anno	40 francos	Um anno	10\$000
6 mezes.	30\$000	6 mezes.	24 »	6 mezes.	5\$500
Numero avulso.	2\$500	Numero avulso.	2 »	Numero avulso.	500

A REVISTA MODERNA ASSIGNA-SE E VENDE-SE NAS SEQUINTES CASAS.

### AGENTES NO BRAZIL

Rio de Janeiro.	A. LAVIGNASSE FILHO E C <sup>ia</sup> , Rua dos Ourices, nº 7.	Juiz de Fora e Minas- Geraes.	CAPITÃO AVELINO LISBÔA.
Pelotas, Porto Alegre e Rio Grande.	CARLOS PINTO E C <sup>ia</sup> .	Pernambuco.	LAEMMERT E C <sup>ia</sup> .
São Paulo.	CH. HILDEBRAND E C <sup>ia</sup> , CASA GARRAUX.	Ceará.	J. J. DE OLIVEIRA E C <sup>ia</sup> .
Santos.	F. MATTOS ET C <sup>ia</sup> , Rua 15 de Novembro.	Pará.	J. B. DOS SANTOS E C <sup>ia</sup> .
		Ribeirão-Preto	ANGELO ALARIO E ANSELMO.
		S. Carlos do Pinhal.	PÉCANTET.

A REVISTA MODERNA acha-se a venda em todas as livrarias de Portugal

PARIZ: Escriptorio e Administração, 48, Rue de Laborde

LONDRES: Arsenio Pinto Leite e C<sup>ia</sup>, 11, Queen Victoria Street

AS ASSIGNATURAS SÃO PAGAS ADEANTADAS

A Revista Moderna — á parte a sua feição litteraria — é um CORREIO ILLUSTRADO creado exclusivamente para o Brazil e não pretende de modo algum tomar logar, entre as publicações de actualidade destinadas á Europa.

A responsabilidade de cada artigo inserido na REVISTA MODERNA, incumbe ao seu respectivo autor.

Avisamos os nossos Leitores que foi completamente supprimida a Agencia e Deposito da "REVISTA MODERNA" na Librairie Nouvelle, boulevard des Italiens.

Serão de hoje em diante os nossos Agentes e Depositarios em Pariz as importantes Casas E. Flammarion et A. Vaillant, 12, boulevard des Italiens e Galerie de l'Odéon, 1-9 e 12-18, e P. Boulinier, 19, boulevard Saint-Michel.

Julho de 1898

## ASSIGNATURAS

**BRAZIL**  
 Anno . . . . . 50\$000  
 6 mezes . . . . . 30\$000  
 Numero avulso . . . . . 2\$500

**UNIÃO POSTAL**  
 Anno . . . . . 40 francs  
 6 mezes . . . . . 24 —  
 Numero avulso . . . . . 2 —

**PORTUGAL**  
 Anno . . . . . 10\$000  
 6 mezes . . . . . 5\$000  
 Numero avulso . . . . . 500

## DECLARAÇÃO

Somos forçados, a bem da justiça e da verdade, a fazer a seguinte declaração em resposta a um artigo publicado n'uma Revista da capital do Estado de S. Paulo, apresentando o nosso amigo D<sup>r</sup> Eduardo Prado e outros como os fundadores da *Revista Moderna*. Quando ha mais de um anno, em Pariz, tratei da publicação da *Revista Moderna*, o D<sup>r</sup> Prado achava-se no Brazil e foi completamente alheio a esta idea. Tivemos a alegre surpresa de vel-o no nosso escriptorio quando já o primeiro numero da Revista tinha apparecido e trabalhavamos para o segundo, ao qual elle offereceu a sua collaboração espontanea, que foi para nós um grande prazer e tambem para elle o contentamento natural que sente todo o escriptor, ao encontrar uma publicação digna, na qual pudesse manifestar, livremente, o seu bello talento. O D<sup>r</sup> Eduardo Prado foi e é um dos bons amigos da *Revista Moderna* e conhecedor da somma de trabalhos e sacrificios que representa a nossa publicação, estamos certos que onde quer que elle se achetudo procurará fazer pela prosperidade d'ella, pelo que d'antemão, elle bem sabe, lhe somos eternamente gratos. A *Revista Moderna* só tem um fundador e só tem um director; si o publico brasileiro, que tanto tem protegido e ajudado esta publicação, que é essencialmente brasileira, acha que o nosso trabalho é digno de algum valor, que esse justo merito, que para nós é uma grande recompensa, seja conferido a quem de direito pertence.

M. BOTELHO.

O presente e o proximo N<sup>o</sup> da Revista. — N'este numero encontrarão os leitores artigos da maior actualidade: um, do nosso director, sobre o tragico

Pedimos aos nossos numerosos assignantes cuja assignatura termina com o numero 24, o favor de a renovarem desde já para que não soffram interrupção na remessa da Revista. Essa renovação será feita por intermedio dos nossos agentes ou pelo nosso administrador: Dr. Edgar Godefroy, actualmente no Brazil.

acontecimento de Genebra que victimou a tão boa e melancolica imperatriz de Austria; outro sobre as festas de Hollanda e a coroação de S. M. Wilhelmina que nos envia o nosso correspondente Antoni pseudonymo que modestamente designa um brasileiro ainda pouco conhecido nas letras mas grande e intelligente viajante. Como annunciamos damos tambem o artigo de Alfredo Mesquita sobre o « Escorial » excerpto do seu livro *Terras de Hespanha*, episodio cheio de vida e cor, escripto com aquella despretençiosa e elegante simplicidade que faz de Alfredo Mesquita um dos escriptores mais lidos da moderna geração.

N'este numero presta a *Revista Moderna* affectuosa homenagem a Magalhães de Azeredo publicando os seus retratos em diferentes epochas, no seu gabinete de trabalho, etc, e inserindo, para engastar tão curiosos documentos, um estudo do poeta por Mario de Alencar digno herdeiro de um nome illustre nas letras.

As exigencias da actualidade obrigaram-nos a passar para o proximo numero, a narração: **A morte de um bravo por Arthur Montenegro.**

Com grande prazer inseriremos tambem n'esse numero um conto de Abel Botelho: **a Consoada**, que é uma joia litteraria trabalhada com esmero e mimo e onde mais uma vez se revellam as preciosas qualidades de observador e stylistista do distincto escriptor portuguez, e uma paquenina e mysteriosa novella de José de Figueiredo — um novo de talento — pagina que illustrou, com o sentimento que elle põe em todas as suas tellas, **Candido da Cunha**, verdadeiro artista que n'um dia breve será um dos melhores pintores da moderna escola em Portugal. No proximo numero publicaremos, para enriquecer a

nossa galeria biographica, um artigo, sobre a illustre escriptora e nossa collaboradora **Maria Amalia Vaz de Carvalho**, firmado pela penna brilhante de **Domingos Guimarães**. O artigo será illustrado com uma bellissima gravura reprodução do tão maravilhoso retrato que **Salgado** fez de Maria Amalia.

## Brazileiros e Portuguezes em Pariz

**Dr. Eduardo Prado.** — No dia 3 do corrente partiu para o Brazil este nosso dedicado amigo e erudito collaborador. A *Revista Moderna* que elle illustrou e illustrará estamos certos com os seus preciosos artigos, envia a tão distincto companheiro as suas affectuosas saudações, desejando-lhe prospera viagem, uma estada feliz no seu tão amado Brazil, e um breve regresso a Pariz, à redacção d'esta Revista que é um pouco sua pela afeição que lhe mereceu.

**D<sup>r</sup> Elias Chaves.** — Depois de uma estada de dous annos n'esta capital em companhia de sua Ex<sup>ma</sup> familia, regressou para São Paulo o distincto brasileiro D<sup>r</sup> Elias Pacheco Chaves. Grande proprietario e pertencente a uma das illustres familias d'esse Estado, S. Ex<sup>a</sup> achase desde os acontecimentos de 89 completamente retirado da politica do seu paiz na qual elle foi sob o Imperio um eminente collaborador, occupando nos ultimos annos do governo monarchico o elevado e honroso posto de presidente da provincia de São Paulo.

Auguramos a S. Ex<sup>a</sup> e a sua Ex<sup>ma</sup> familia uma boa viagem e uma feliz chegada aos patrios lares.

**D<sup>r</sup> Augusto Queiroz.** — Pelo paquete Nilo da « Royal Mail » partiu para o Brazil, apoz uma curta viagem na Europa, o nosso illustre

amigo D<sup>r</sup> Augusto de Souza Queiroz, tambem pertencente a uma das mais antigas e prestigiosas familias de São Paulo. S. Ex<sup>a</sup> que foi antes do 15 de novembro um dos chefes habeis e intelligentes do partido liberal do imperio é hoje considerado com respeito um dos sinceros adeptos da fraccão imperialista brasileira, bafegada de tempos em tempos por uma fagueira esperança do ideal desejado. Saudamos o nosso distincto amigo desejando-lhe sinceramente uma rapida e alegre travessia.

**Xavier de Carvalho.** — Partiu para a Hollanda de onde seguirá para Portugal este nosso collaborador e distincto jornalista. — Ao acolho festivo que lhe será feito na sua patria — que elle cá fóra tão intelligentemente serve — junta a *Revista Moderna* as suas melhores saudações.

**O 2<sup>o</sup> Volume da Revista Moderna.** — Com o proximo n<sup>o</sup> 24 termina o nosso primeiro anno de assignatura e completa-se a segunda serie de 12 exemplares que formarão o nosso segundo volume. Esté é sem duvida mais variado e interessante que o primeiro e sobretudo mais accentuadamente brasileiro e terá estamos certos o successo que obteve o primeiro, successo de tal modo grande que a edicção que fizemos está completamente esgotada, e vem-nos na impossibilidade de satisfazer os numerosos pedidos que de toda a parte nos chegam.

Somos tambem forçados a declarar que não podemos fornecer colleções da *Revista* senão a partir do numero 10, pois alguns dos primeiros numeros estão esgotados. Este successo que é todo devido ao bom acolho e sympathia do povo brasileiro, ao qual somos summamente gratos, obriga-nos a augmentar a nossa tiragem a partir do numero 24 para assim podermos satisfazer os pedidos dos nossos estimados assignantes cada vez mais numerosos. Do segundo volume porem só poderemos fornecer algumas dezenas de exemplares e por isso pedimos aos leitores que os desejarem se apressem em fazer os seus pedidos aos nossos agentes para poderem ser servidos.

**As capas do 2º Volume.** — Temos á disposição dos nossos assignantes e leitores as lindas capas que tanto successo fizeram para o primeiro volume. As actuaes que são identicas ás primeiras serão brevemente enviadas aos nossos agentes e fornecidas pelo preço de 3.500 reis no Brazil e 700 reis em Portugal.

## RECEBEMOS

**Procellarias** par *Magalhaes de Azeredo*. — Este livro do nosso querido collaborador, que a Revista Moderna hoje sauda — está já á venda em Portugal e no Brazil. Do merito de uma tal obra é garantia o nome festejado do autor e a critica litteraria que merece é feita n'outro lugar, com mimo e sinceridade, par Mario de Alencar. N'esta secção pois só diremos quanto a edição do livro é cuidada com esmero e feita com arte. As *Procellarias* são illustradas com duas heliogravuras de Massard segundo os quadros originaes de P. Weingartner o já celebre pintor brasileiro; a impressão typographica faz honra ao atelier do Porto onde foi executada. O papel de magnifica qualidade e a capa em pergaminho concorrem para dar a este volume a feição esthetica que convem á elevação do texto. Estamos certos que o apparecimento das *Procellarias* marcará epocha na litteratura contemporanea e que o seu successo será grande e duravel, pelo que mais uma vez enviamos a Magalhaes de Azeredo as nossas sinceras felicitações.

**Minhas Viagens**, por *Aderson Ferro*, Ceará — como o titulo o indica, n'este livro imprimiu o autor as suas impressões de viagem. Não cremos que n'elle haja mais do que o despretençioso intento de avivar lembranças, pois como o snr Aderson Ferro o confessa essas viagens remontam a 1880 e em dezoito annos, n'estas modernas cidades de Europa, a electricidade e vapor opperam prodigiosas mudanças.

O livro termina com um appendice intitulado a **Instrução entre nós** em que o autor expõe o seu modo de ver e faz a critica pessoal do actual systema d'ensino no Brazil.

**Manchas**, por *Antonio Austregesilo*, Rio de Janeiro. — Livro de um novo, atormentado e obscuro mas aonde aqui e alem se descobrem qualidades de stylistas.

Da feição do livro dá perfeita ideia o prefacio que abaixo transcrevemos :

« Manchas que sois a minha vida, manchas que sois o mundo envol-

vei-me de tédio já que me occultaes a Felicidade !

Vasta mancha verde, ó glorioso e louco Oceano, junta ao teu desespero insaciavel o meu desespero d'envenenado pelo amor !

O Sol victorioso e rubro, ó mancha d'ouro e sangue, illumina a minh'alma, céga como um desejo, toda enlutada de trévas !

Sagrada mancha de prata, ó *Via-Lactea* santa, derrama tambem luz para a minh'alma, entenebrecida pela grande mancha da noite da minha immensa duvida !

Magna mancha azul, ó Ceu manchado d'estrellas, envolve a minh'alma no silencio da tua luz !

Mancha alvissima da Morte, livra-me da Dor, do Desespero, do Amor, ó serenissima esperanza dos suicidas, ó flor inodora da finalidade e da paz... »

**Bastidores**. — por *Horacio Nunes*. — Florianopolis. — N'este volume colligiu o autor as suas peças de theatro, dramas e comedias. Vamos ler. — Do mesmo Snr. recebemos um pequeno folheto sobre a Instrução Publica que é uma obra de propagação conscenciosa e util sob forma de appello aos paes e mães de familia e que termina assim :

« Para instruídes vossos filhos, esquecei opiniões politicas, ponde de parte rivalidades partidarias, não indagueis nem queiraes saber qual o partido que governa : — lembrai-vos somente de que sois brasileiros, lembrai-vos de que cumprir um dever sagrado — preparando para o futuro homens esclarecidos que possam dirigir, com valor e firmeza, os destinos da Patria, e honrar assim os vossos esforços de hoje.

« Caminhaí todos para o mesmo fim, tendo todos a mesma aspiração : — instruir vossos filhos.

« Instruir é progredir, — disse Victor Hugo, e Oliveira Bello disse : — Os povos prosperos são os mais instruidos. »

**O Manuel de Soisa**. — por *Oscar Leal*. Lisboa — Historia ligeira n'um elegante folheto que se lê de um folego.

**Revista Brasileira**. — O 79º fasciculo d'esta importante revista traz o seguinte summario. *Guilmar* : Lucio de Mendonça. — *A Interpretação Sociologica do Governo Federativo segundo Raul de la Grasserie* : Ciovis Bevilacqua. — *Augusto Leveger (continuação)* : Visconde de Taunay. — *Martins Penna e o theatro Brasileiro* : Verissimo. — *Artistas Douro Tempo*. — *Emilio Wroblewski* : Escragnolle Doria. — *Que é a arte?* Tasso Fragoso. — *Historia do Direito Nacional*. — *A Nacionalidade portugueza ; seus*

*factores prehistoricos e historicos VIII. Os Wisigodos (continuação)* : Sylvio Romero. — *Notas e Observações Uma bibliotheca de Autores Brasileiros*. — *Noticias de Sciencias, Letras e Artes* — *Bibliographia*.

**Revista Portugueza Colonial e Maritima**. — Recebemos o N° 10 que traz o seguinte summario :

*D Christovão da Gama e Miguel de Castanhoso* : — Souza Viterbo — *Agricultura Colonial* : Julio Henriques. — *Caminho de Ferro de Benguetta ao planalto de Caxanda* : B. M. — *Interesses Coloniaes* : Almada Negreiros. — *As bahias do Sul d'Angola* : Augusto Castilho. — *O Bihé* : A. Andrade. *Notas Navaes* : E. de V. — *Revista Ultramarina* : Tito de Carvalho. — *Informações Commerciaes*, etc.

**União Academica**. — Rio de Janeiro. — O Summario do Fasciculo V é o seguinte. — *A Situação* : Antonio Estanislao. — *A affronta ás Escolas* : a redacção. — *O nosso problema economico* : Nerval de Gouvea. — *Miserrimo* : Daltro Santos. — *Saudade* : Gonçalo Lagos. — *Paginas de um Psychologo* : Jansew Tavares. — *Concepção philosophica da Victoria* : Moreira Guimarães. — *Sanctuario* : Narciso Araujo. — *O Licor Milagroso* : Leitão da Cunha. — *Signos* : Frota Pessoa. *S de Mãe de 1900* : D. S. — *Flor Exotica* : Orlando Teixeira. — *Chroniqueta* : Luar.

**Vera-Cruz**. — *Revista d'Arte*. — Rio-de-Janeiro : O ultimo folheto que recebemos traz o retrato de Cruz e Souza um poeta novo, de altas qualidades, que a morte tão cedo arrebatou. — Insere versos de Pethion de Villar, Marc Legrand, Antonio Austregesilo, Azevedo Cruz e Silveira Netto; artigos em prosa de Oliveira Gomes, Netto Machado, Domingos Ribeiro etc, etc. *Vera-Cruz* representa uma tentativa sincera e feliz na moderna evolução da Arte, e isso bastará cremos para lhe alcançar successo e applauso.

**Le Brésil**. — *Courrier de l'Amérique du Sud* — *Organe hebdomadaire Franco-Américain*. — PARIS. — Continuamos a receber com a maxima regularidade este nosso prezado collega que desperta sempre o mais alto interesse a todos os que se occupam no estrangeiro das coisas da nossa terra.

**Revista Illustrada**. — RIO DE JANEIRO. — Recebemos os n.ºs 737 e 738 — O 1º traz o retrato da distincta cantora brasileira Clotilde Maragliano ; o 2º dá o retrato do Dr. Silviano Brandão, presidente eleito do Estado de Minas. Um e

outro numero veem, como sempre, recheiados de alegres caricaturas commentando as acontecimentos de actualidade.

**Revue du Brésil**. — PARIS. — Os dois ultimos numeros que temos sobre a meza continuam a serie brilhante d'esta publicação. As gravuras são excellentes mostrando aspectos interessantes do Brazil, e retratando as personalidades brazileiras que por qualquer titulo merecem ser conhecidas.

**Gabinete dos Reporters**. — LISBOA. — Continuamos a receber este interessante jornal illustrado e litterario. A collaboração brilhante e a galeria de perfis que publica, tornam este quinzenario digno do successo que obtem em Portugal.

**Reformador**. — RIO DE JANEIRO. — Foi-nos enviado pela primeira vez este importante periodico evolucionista orgão da Federação spirita brasileira.

Continuamos a receber os seguintes periodicos : **Diario Popular de São Paulo** ; **Germania** ; **Tribuna Italiana** ; **Jornal do Commercio de Juiz de Fora** ; **O 15 de Novembro de Sorocaba** ; **O Occidente dos Açores** ; **O Disticto de Leiria** ; **Aurora do Cavado** ; **Correio de Chaves** ; **Diario de Taubaté** ; etc.

## ANUNCIOS DA REVISTA

**Sylvie e Jeanne Boué**. — Chamamos a attenção dos nossos leitores para o annuncio da importante casa de modas e costuras que figura na capa da *Revista*. O grande successo obtido pelas irmãs Sylvie e Jeanne Boué e a exposição permanente de modelos ineditos e de tudo quanto a *coquetterie* feminina pode imaginar de mais completo e atrahante : chama constantemente a os salões da rua do Helder, as mais bellas e elegantes senhoras, parizienses e estrangeiras. As pessoas que desejarem procurar esta casa em nome da *Revista Moderna* serao attendidas com especial cuidado.

**Equipagens de luxo**. — A antiga e bem reputada casa **Demars**, cuja especialidade em materia de carros particulares e equipagens de luxo é bastante conhecida : faz pela *Revista* um annuncio, no qual as pessoas interessadas poderão se utilizar com toda a confiança. O serviço de carros particulares para familias ou estrangeiros de passagem : por dia ou por mez ; é garantido por esse estabelecimento, como de primeira ordem e pelos preços os mais moderados. Um grande material aperfeiçoado com todas as exigencias do conforto e da elegancia está em constante exposição sendo todos os seus carros munidos de rodas, com borracha e rodas pneumaticas.

## MAGALHÃES DE AZEREDO

Não é raro que certa gente pratica, toda entregue ás mais futeis occupaões, nos pergunte, desdenhosa e incredula, qual é a utilidade da Poesia. Das outras artes que impressionam principalmente os sentidos, ainda alguma cousa lhes é accessivel. Mas a Poesia, que falla ao coração, ao espirito — essa não está ao alcance de certas almas rasteiras, de quem a Natureza e os homens só merecem o olhar preguiçoso da indiferença ou os impulsos inquisidores de um interesse material. Ha tempos alguém me fez aquella pergunta imbecil. Eu estava de pachorra; respondi mostrando um brilhante que elle trazia na gravata e uma flôr que lhe adornava o peito. Que utilidade tinham? Creio que não me comprehendeu e o seu sorriso foi talvez de compaixão pela minha ingenuidade. Era de todo vão responder-lhe de outra forma. Perderia meu tempo explicando-lhe que para os espiritos privilegiados e raros, sagrados pela Poesia, ella é tão necessaria e tão util como o alimento para todos nós. Havia de rir-se de mim.

Neste momento, acabando de ler as *Procellarias*, occorreu-me de repente a lembrança d'aquelle sujeito. Porque? É que os contrastes se associam naturalmente em nossa memoria. Ninguém melhor que o poeta lhe déra resposta cabal. Imagino o espanto que tal pergunta causaria ao autor das *Procellarias*. Fôra como o de um homem de sciencia ouvindo duvidar da utilidade do sol. E a analogia é fundada. Para Magalhães de Azeredo, a Poesia é essencial, sinão á vida, ao bem, e á ventura do seu espirito, o que no poeta é quasi toda a existencia. Privado d'ella, seria como um passaro cantor a quem tirassem a faculdade de cantar; embora lhe deixassem a liberdade do vôo, a pobre ave condemnada á mudez, iria definhar na solidão.

Magalhães de Azeredo nasceu para ser poeta. No berço, as boas Musas deram-lhe o beijo creador e immortal. O fogo sagrado ficou latente durante os annos de meninice e inconsciencia; despertou quando seus olhos já sabiam olhar a Natureza. A leitura de versos revelou-lhe a vocação. Antes de sahir do collegio começou a balbuciar os seus cantos, de certo indecisos imperfeitos, não de todo proprios, mas já trazendo alguma cousa de original, pelo menos uma promessa. A promessa já se realisara em 1889, quando eu o conheci no nosso primeiro anno de Academia em S. Paulo. O poeta estudava muito, produzia muito. A arte era a preocupação exclusiva do seu espirito; o ideal estava traçado e o poeta punha ao serviço d'elle vontade, tempo e esforço. Os privilegios da vida de estudante não o seduziam; era quasi um concentrado; evitava as companhias ruidosas dos collegas, e si a bohemia o interessava como novidade e

observação, nunca se fez bohemio. O Direito sem duvida soffreu um pouco nesse anno, mas não por vadiação, sinão por cuidado exclusivo da Poesia. Algumas publicaões que fez nos jornaes deram-lhe logo nomeada entre os estudantes; não lhe modificaram porem o teor de vida, nem o encheram de vangloria, como aliás é commum naquella idade, antes aguçaram-lhe o amor do estudo e o desejo de aperfeiçoamento.

Tornei a vel-o depois em 1893. Magalhães de Azeredo tinha então vinte e um annos; estava formado e mudava-se definitivamente para o Rio de Janeiro. Deixara na Academia uma fama invejavel, sendo considerado justamente o maior talento da sua turma. Os jornaes andavam cheios de producões suas, em prosa e verso. Seu trabalho era variado e abundante. Tinha sido o orador aclamado em duas solemnidades academicas, realisadas em 1892 e 1893, a sessão litteraria em honra de Alvares de Azevedo, Castro Alves e Fagundes Varella, e a collação de gráo aos bacharelados. Chegado ao Rio, onde o seu nome já



1880.

era applaudido, trazia um grande cuidado: a escolha de uma profissão que lhe deixasse larga folga para a litteratura. A advocacia é demais absorvente; desistiu logo de experimental-a; e dispunha-se a arranjar, um lugar na magistratura, mais tranquilla e mais favoravel á regularidade do trabalho. Entretanto ia fazendo versos, contos e critica, e até — com surpresa minha — um artigo sobre Economia politica para uma revista de sciencia. Data d'essa epocha a nossa amizade. A admiração que tinha pelo seu talento approximou-me d'elle; nas nossas longas palestras pude conhecer melhor o seu engenho e o seu caracter; e uma grande harmonia de pensar e sentir consolidou entre nós a affeição. Vivemos em completa comunidade de ideas. Acompanhava-lhe o trabalho, sabia dos seus projectos, conversava sobre os seus planos. Já então elle tinha em preparo as *Procellarias*. As suas poesias enchiam dois quadernos grossos, e não eram

todas; sómente as escolhidas dentre muitas ineditas ou publicadas nos jornaes. Escrupulos de artista impelliam-no á constante revisão da obra; o estudo mais acurado



1885

dos mestres suggeria-lhe modificações; mas elle não se deixava esterilizar no labor de corrigir, e a sua producção augmentava sempre com admiravel fecundidade. A sua concepção é muito facil; espirito sensível, cheio de sympathia por todos e por tudo, não lhe é preciso demorar-se na procura de assumpto; as impressões multiplas dos homens e das cousas, reflectidas em sua alma, irrisam-se á luz do talento e transformam-se nos moldes harmoniosos dos seus versos. O coração é o seu grande inspirador: episodios intimos, subtilezas de sentimento, alegrias e maguas de enamorado, queixas, desillusões, desesperanças — tudo isso elle vasa nos seus cantos. E é esse o privilegio dos poetas — o que a outra gente expande em lagrimas ou esconde em si, por medo do ridiculo, elles traduzem na forma verbal e melodica, descuidosos do juizo alheio; e quando a expressão é sincera e pinta bem um estado da alma, a pessoa do poeta desaparece e o seu canto passa a ser a expressão de uma verdade humana e universal. Não poucos versos de Azeredo terão esse destino superior. Mas nem só o proprio coração é a sua fonte inspiradora.

A natureza e os homens merecem-lhe a sympathia e o interesse. Para o poeta tudo no universo, tem uma alma, uma voz, um sentido; a flôr, o astro, a ave não o impressionam como a qualquer; seus olhos os vêm de outro modo que os nossos olhos vulgares; seu espirito penetra-os mais fundo, descobre nelles cousas extraordinarias por nós ignoradas; entre elles ha dialogos deliciosos e extranhos, cuja linguagem não alcançamos e que por isso nos deixam estupefactos e incredulos. A ave o astro, a flôr, contam-lhe segredos exquisitos, fallam-lhe um idioma divino de lembranças da creatura aiçada. Aquella flôr, por exemplo, de que o poeta nos diz, nos seus bellissimos versos *Rosa-Chá*, que o distrahia do estudo, inebriando-o com o seu perfume e cantando-lhe uma canção, discreta e mansa, em que fallava d'Ella, d'Ella, d'Ella... Nós outros olhamos uma paisagem, admiramol-a, e é só. O poeta, si ella tem encanto especial, não a deixa esquecer, nem para si nem para nós; reproduzindo-a nos seus versos, faz-nos gozala melhor, porque a vemos atravez de uma alma superior á nossa que lhe deu o sentimento que nos falta.

Neste livro das *Procellarias* as poesias descriptivas não são muitas, porque o poeta as destina a outro livro

em preparo — as *Rusticas e Marinhas*, mas as que aqui apparecem são ja bastantes a mostrar o seu poder artistico, na precisão do colorido e na firmeza do traço.

Não raro o poeta faz philosophia. As miserias alheias, as injustiças e crueldades humanas não o deixam indifferente; narrando-as, compadece-se, e o sentimento que é sincero arranca-lhe uma invectiva contra os tyrannos e algozes, e um grito de dor pelas victimas imbelles, e ás vezes um conselho de sabia resignação.

A sua sympathia não se restringe aos contemporaneos, a cujas paixões e luctas assiste; abrange a humanidade toda, extranhos e antigos. Os grandes mortos, os amantes classicos, os heroes e poetas favoritos, de cujas obras ou de cuja historia tem uma impressão original, exaltam-lhe o espirito, e elle os celebra expontaneamente, por um impulso de admiração entusiasta que supprime a distancia e o tempo e o transporta ás eras já findas, como um espectador interessado da actualidade.

Si Magalhães de Azeredo colligisse todos os versos que tem, podia dar-nos mais de dois volumes compactos. Mas elle, como eu já disse, é artista consciencioso. Não quer valer pelo numero, mas só pela qualidade. No momento em que completa um trabalho, si o julga bom, não se nega a dal-o á publicidade ephemera dos jornaes; mas a factura recente muita vez a apreciação do merito; e mais tarde revendo os escriptos, submete-os a rigoroso juizo e condemna ao abandono os que acha indignos de perpetuação. Assim fez para as *Procellarias*, em que de toda a sua producção até 1896 só incluiu setenta et tantas poesias, com exclusão de outras tantas talvez. Fez bem, porque essas que ora publica são sufficientes para firmar sem indecisões o seu valor como poeta. De certo não é tudo quanto é capaz de dar; sabem os que acompanham a sua carreira litteraria, que ella vai em brilhante ascensão, accentuada dia a dia por progressos muito sensiveis. Mas d'este livro a critica já tem muito a dizer, porque é uma revelação da tendencia e da força do seu espirito.

A feição predominante do talento de Magalhães de Azeredo é o lyrismo subjectivo. Todas as poesias das *Procellarias* tem esse caracter, que é determinado em parte pela suasinceridade poetica. Expressão exacta de sentimentos e de ideas, a sua poesia não pode ser impassivel; e o poeta não sabe abstrahir della a sua personalidade, des-



1891.

de que o temperamento tanto concorre para a sua maneira peculiar de sentir e conceber. É claro que Azeredo não é exclusivamente um poeta subjectivo; conheço poesias suas de um caracter opposto; mas alem



Magalhães de Azeredo.

Roma. 1898

de que a vontade influe nellas, estas são em numero muito menor, e não podem servir de base para uma definição do seu talento poetico. O seu lyrismo é simples, não nos prende pelo fulgor da imagem ou pela raridade da idea; seduz pela delicadeza e pela suavidade do tom, pela verdade do conceito e do traço.

Mas o que sobretudo produz a elevação do effeito, é a sobriedade, que dá aos seus versos um notavel poder suggestivo, evitando o abuso de detalhes insignificantes e o enfraquecimento da impressão do conjuncto. Isso é ainda a consequencia da sinceridade do seu espirito. Azeredo não escreve versos só por fazelos, por entreter-se no arranjo de imagens, por uma diversão rethorica, mas porque um impulso intimo o estimula a dizer ou pintar alguma sensação. Em outras palavras, não é só artista, mas artista a serviço do poeta. A escola dos Parnasianos com os seus exaggeros e exigencias de forma, muita vez esterilizadores, não lhe corrompeu o gosto; a sua forma é perfeita quanto pode ser, mas nunca prejudicial, pelo excesso do luxo, á idea mesma do verso. Estou que elle não sacrificaria jamais um pensamento á necessidade de uma rima, mais ou menos rica.

Conhecedor entretanto de toda a arte de Banville, elle sabe aproveitar razoavelmente, com uma louvavel percepção, o que é aproveitavel e adaptavel á nossa lingua e á nossa metrica. Raros dos seus versos têm um rythmo falso ou duro; *enjambements*, sabiamente dispostos, concorrem muito para quebrar-lhes a monotonia; os vocabulos têm uma applicação rigorosa, e as rimas são sempre naturaes, sem ser muito communs, e quando são ricas não denunciam nenhum esforço de rebusca. Outra cousa a notar tambem é que elle não se submetto á symetria das estrophes em desfavor de pensamento; d'ahi a ausencia dos versos ócos, encunhados, com que muitos poetas provêem á uniformidade dos metros. Elle os varia ao sabor da idea, e a combinação dos differentes rythmos, dá a algumas de suas poesias, em especial ás odes, onde é mais frequente, um grande encanto. A escola poetica dos Novos ora dominante em França e muito imitada aqui e em Portugal, nenhuma modificação trouxe ao seu estylo. Muito ao contrario elle com alto criterio considerando-lhe as innovações metricas e as aberrações estheticas, discerniu sob as suas pretensões de progressos, nada mais que uma manifestação de decadencia, caracterizada principalmente por um voluntario sentimentalismo morbido e um mysticismo exaggerado e falso. A boa educação classica e a propria intuição da verdade na Arte, são apoio seguro que não deixam o seu espirito transviar do grande ideal traçado e o tornam immune das seducções fallaciosas de modas e parcerias litterarias. Pode-se affirmar que a sua carreira poetica segue uma linha recta, ascensionalmente, sem demoras nem vacillações. Do seu livro, ora publicado, muitas das poesias entre as quaes cito ao acaso — *Procellarias*, *No limiar*, *Rosa-Chá*, *Ode triumphal*, *Dante*, *A velhice de Don Juan*, *Soror*, *Ave Maria*, *A Musa do Poeta*, et das suas produções mais recentes, quasi todas, como *In excelsis*, *A chamma*, *A Portugal*, *Belleza musical* e outras, dão-lhe um lugar conspicuo entre os nossos melhores poetas contemporaneos que não são muitos. O mysterioso ser, de quem nos falla numa de suas poesias, e a cujo altar seu espi-

rito presta o culto da mais alta e nobre adoração, foi complacente á sua supplica e lhe dispensa toda a bondade infinita. Por isso dia a dia, a sua fé mais se vigora, e ao ponto em que chegou, nenhum desalento, nenhuma contrariedade é capaz de abalal-a. O poeta sente-se preparado para supportar os golpes da inveja ou da injustiça, tem em si mesmo o consolo que lhe dá a consciencia do seu valor e a confiança nas suas forças. Não se supponha entretanto que é um vaidoso. Longe disso; mas é um consciente; e a prova é que não se satisfaz com os louros ganhos, trabalha sempre, convencido de que só com o labor e o estudo constante é que se pode chegar, ao cimo altaneiro, e a quasi todos inacessivel, do Olympo.

A sorte lhe tem sido propicia. Costumamos geralmente attribuir á sorte o que provem ás vezes de um conjuncto de circumstancias determinadas pelo esforço de uma vontade perseverante ou pelas qualidades de um character austero e bom. Em Azeredo essas duas causas influiram grandemente para a sua condição actual, mas tambem o favor da Providencia, força suprema a imprementavel, em que sempre confiou. Hoje elle é plenamente feliz, nas letras e na familia. Filho unico, tem a sua immensa ventura na affeição dedicada de duas creaturas raras e superiores que lhe constituem toda a familia a Mãe e a Esposa. O coração vive sem mais cuidados, tranquillo e satisfeito, cheio d'esses dous sentimentos profundos, cuja ternura elle nos faz sentir tão bem naquellas poesias votivas que abrem as *Procellarias*. Mas não lhe bastaria só isso; Ellas bem o sabem, porque elle não é só coração, mas tambem espirito. E é d'Ellas que lhe vem a melhor animação nas letras; os seus carinhos são o melhor dos estimulos e dos applausos. E é notavel que depois do casamento a operosidade de Azeredo cresceu muito. A sorte foi-lhe igualmente favoravel na escolha da profissão. O convite expontaneo de um ministro amigo deu-lhe collocação na carreira diplomatica. Era o melhor presente official para quem só aspirava a uma profissão compativel com a litteratura. E nenhuma o é mais do que ella. Depois de um anno e meio de permanencia em Montevideo, Azeredo occupa o lugar de secretario de legação junto a Sautá-Sé. As viagens lhe vão completando a educação intellectual. O espirito infatigavel applica-se á observação das cousas novas e antigas, e quanto é ella superior e original nos dizem os *Aspectos de Italia*, em que ha paginas soberbas de harmonia e finura artistica verdadeiramente admiraveis; lembram-me sobretudo neste momento as que se occupam da campanha romana e de *Rocca di Papa*, onde o escriptor esteve algum tempo em villegiatura. Esses artigos formarão mais tarde um grande e formoso volume, que virá confirmar os seus meritos de prosador, conjunctamente com outros quasi prompts, *Balladas e Phantasias*, *Novos Contos*, e *Perfis Contemporaneos*, de que já conhecemos alguns excellentes como o de Alphonse Daudet e o de Machado de Assis. Vê-se que é já immensa a sua obra. Lamento não ter espaço bastante para occupar-me dos seus escriptos em prosa, novellas e critica. O seu livro de estréa foi *Alma primitiva*, collecção de contos, em que figura *Beijos... Beijos*, o melhor classificado, num concurso litterario que fez a *Gazeta de Noticias* em 1893. A critica applaudiu-o muito e com justiça. Nelle se revelam boas qualidades de estylista,

conhecedor seguro da lingua, e a promessa de um fino psychologo á maneira de Bourget, com cujo espirito e processos elle apresenta muitas affinidades, no caracter pessoal da obra e nas dissertações com que precede ou intercommenta a fabula. Mas na prosa como no verso Azeredo tem progredido. O estudo dos classicos, orientado por innato gosto artistico, enriquece-lhe o vocabulario e a expressão, sem prejudicar-lhe a originalidade da forma. Si ha algum defeito na sua prosa, é talvez a falta de condensação, que eu attribuo em parte á influencia da collaboraçã nos jornaes e em parte á facilidade do trabalho de execuçã. Esse mesmo defeito, porém, escasseia em alguns de seus trabalhos ultimos, em particular nas apreciações criticas, como por exemplo, os estudos syntheticos sobre Machado de Assis e Alphonse Daudet.

Não sei se me terão por exaggerado ou encomiastico no que disse.

Asseguro que é a sincera manifestação do que penso sobre a obra de Magalhães de Azeredo. Outros e dos

mais competentes, não pensam d'ella diversamente. A *Academia brasileira de letras*, organisada o anno passado, escolheu-o para um dos seus quarenta membros; e dos ultimos admittidos por eleição, foi elle o mais votado, convindo notar que estava ausente e é o mais jovem de todos, o Benjamim da Academia, como lhe chamou alguém num artigo do *Temps*. Este facto supponho eu que é significativo. Havia aqui no Rio boa gente que ambicionava um lugar naquella associaçã, e entre os membros d'ella, que o elegeram, conta-se o que de melhor temos no mundo das letras. Haverá porém quem duvide do seu merito ou o aprecie superficialmente. A esses direi que o leiam não de relance, mas com a attenção e a deferencia que merece todo o trabalhador de talento. Quem o tiver lido e relido cuidadosamente, como eu, ha de concordar commigo em que elle é uma das mais completas organisações litterarias que nos ultimos tempos têm apparecido no Brazil. O futuro dirá se eu erro no meu juizo.

MARIO DE ALENCAR.



Magalhães de Azeredo no seu gabinete de trabalho em Roma.

## O « BALZAC » DE RODIN

N<sup>o</sup> salon d'este anno Rodin expoz a sua famosa estatua de Balzac, que de ha muito a *Société des Gens de Lettres* lhe encomendara e que o grande artista, no atormentado feitio do seu grande genio, durante annos trabalhara, refazendo sem cessar novas *maquetes*, esboços colossaes, á procura da forma característica, do todo que concretisasse e symbolisasse a gigantesco author da *Comedia Humana*.

D'estes estudos de mais laboriosos, d'esta ancia de perfeição não resultou o que era de esperar de tão alto artista, e o *Balzac* de Rodin, do Rodin creador de tantas obras primas, não passa realmente de um bloco disforme sobre o qual o cinzel sublime do mestre passou rasgando aqui e alem uma linha, abrindo uma sombra, levantando uma forma, com caracter mas sem precisão, como uma

fim de uma forçada contemplação, descobre-se uma intenção e nada mais...

O grande autor da *Comedia Humana*, de pé, n'uma posição sem equilibrio nem significação, puxa a si n'um gesto apenas esboçado como que um pesado manto que o envolve e opprime. Se Rodin quiz recordar nas linhas geraes do bloco, o habito de frade com que o romancista trabalhava, ou se a ampla elegancia de uma toga classica lhe pareceu melhor convir á grandeza da figura não se adivinha do esboço. Como tambem não se impõe o movimento da cabeça que ora dá a sensação do espanto ora a de activa e desdenhosa contemplação, ora a de constringida e doentia attitude. Para esta ultima impressão concorre talvez o pescoço apoplectico, que o artista evidentemente não tratou. O rosto de Balzac tão



promessa de grande obra, que tivesse ficado esquecida sobre o cavalete.

Porque este esboço era assignado pelo author da phantastica criação: a *Porta do Inferno*, a critica que saudou o seu apparecimento transformou-se n'um escandalo parisiense a principio, universal depois; e logo nos meios artisticos dois campos se ergueram e batalharam com afan, o dos que *comprehendiam* a obra de Rodin e o dos que não a *comprehendiam*.

Por este verbo *comprehender* tão impropriamente empregado, se vê em todo o caso, que a obra não se impunha, como tudo o que é simples e bello. Obra de arte que precise ser esquadrihada, analysada por miudo, detalhada com paciencia e tempo, decifrada como documento archeologico, não é obra que valha. Ora o esboço de Rodin está n'este caso. Quando se vê pela primeira vez não se *comprehe*de nem sequer se adivinha; no

expressivo e tão caracteristico, tomou na estatua de Rodin, uma feição de symbolo, com os olhos, cavos; demasiadamente cavos, as faces proeminentes de ser primitivo, a cabelleira espessa e lisa de indio.

Em resumo a obra é má; e má sobretudo porque durante mezes acarretou sobre o maior escultor d'este seculo, o sarcasmo dos invejosos o riso alvar dos ignorantes e o sorriso compadecido d'aquelles que não querem perdoar ao creador de tanta obra sublime o erro ou desfalecimento de uma hora de mau humor.

O leitor sabe que o *Comité* da *Société des Gens de Lettres* recusou a estatua, que alguns amigos de Rodin abriram uma subscripção para a comprarem e que o Mestre por fim quiz guardar a sua obra quem sabe se para tirar d'ella por um milagre do seu genio uma estatua immortal digna do immortal Balzac.

C. R.

# O ASSASSINATO DA IMPERATRIZ D'AUSTRIA

**A** INDIGNAÇÃO humana não tem expressões bastante fortes para estigmatizar o hediondo crime practicado em Genebra, victimando sem piedade uma infeliz soberana, a cuja vida cheia de infortúnios, o destino inclemente reservava o mais triste e tragico fim.

O punhal de um infame sicario não trepidou um só momento em ferir mortalmente, em pleno dia, aquella santa e digna senhora, que ainda hontem era a Imperatriz querida da Austria e a Rainha adorada da Hungria.

A aureola de Tristesas e de Desgraças que era o triste e sympathico apanagio d'aquella fronte real, não commoveu a ferocidade do assassino e nem desviou de uma só linha a impulsão fatal do estylete regicida.

A tranquillidade universal despertada por uma tão terrivel noticia levantou-se horrorisada perante um semelhante attentado!

Seria necessario ir buscar ás inquisições das eras medievas, um processo bastante completo de punição, pelo qual fossem torturadas lentamente e fibra por fibra as mais infimas particulas d'esse miseravel fascinora.

Pertence elle a essa seita maldita que somente a injustificavel complacencia dos governos e a incuria da policia internacional, tem permitido organizar-se e ramificar-se por todas as grandes cidades do mundo.

O cynismo revoltante d'esse bandido, que declara ter premeditado o seu crime e esperado a sua victima diversas occasiões sem resultado, augmenta ainda mais pelo conhecimento que o mesmo diz ter, da legislação criminal do Cantão de Genebra que ha alguns annos aboliu a penna de morte, commutando-a em prisão perpetua.

Mas em vista da excepcional gravidade do caso é natural e necessario que o assassino da Imperatriz Izabel seja tambem julgado excepcionalmente; e que essa bella Suissa, que vive em grande parte das larguezas do estrangeiro, deixe de ser um asylo hospitaleiro e protector dos scelerados da peor raça, expulsos e perseguidos dos seus respectivos paizes, como elementos de perigo social.

Que vida infeliz e agitada foi a d'essa princesa da Baviéra, coroada Imperatriz aos dezoito annos de idade!

Que contraste entre os dias radiosos da sua adolescencia, passados nas verdes montanhas do Tyrol, em meio das suas irmãs, fresca e suave como uma rosa dos Alpes, tendo no seu bello rosto a graça selvagem de uma Diana caçadora e essa serie de desgraças que mais tarde acabrunhou a sua familia, transformando essa jovem soberana n'uma *mater dolorosa* que nas suas eternas peregrinações buscava, sem cessar, esquecimento e linitivo aos rudes golpes que dilaceraram o seu coração de mãe, esposa e rainha.

Depois da misteriosa tragedia de Mayerling onde o seu filho o arquiduque Rodolpho, herdeiro do throno, foi

encontrado morto em companhia da baroneza de Verschera a Imperatriz Izabel não mais appareceu nas festas da Córte, e recolhida na sua dôr viveu nos retiros solitarios; invocando a memoria saudosa dos seres queridos que não mais existiam.

Nascida em Munich a 24 de Dezembro de 1837, morre a Imperatriz Izabel com 60 annos de idade. Ella era filha do Maximiliano-José, duque de Baviéra e da princeza Ludovica, filha de rei Maximiliano I.

A mocidade e o casamento da soberana, cujo destino devia ser logo atravessado por tantas desgraças antes de acabar tão tragicamente, foram um romance e um poema. Depois do idyllio familiar no seio do qual a jovem princeza cresceu alegre e venturosa, seguiu-se o seu casamento com o imperador Francisco José, união de verdadeiro amor e á qual a politica foi totalmente extranha. O duque Maximiliano e os seus, estavam em villegiatura em Ischl em 1854, quando a 16 de Agosto n'um baile dado pela archiduquesa Sophia o imperador vio pela primeira vez a sua futura esposa, não podendo dissimular á sua córte a impressão que lhe tinha causado a admiravel belleza d'aquella que era commumente chamada a « rosa de Baviéra ».

O par enamorado valsou toda a noite, contra todas as regras da etiqueta e antes de partir o imperador apaixonado tendo nas mãos um album no qual estavam desenhados os diversos typos, das diferentes raças que compõem o seu imperio disse á princeza; « eis os meus subditos, uma palavra sua será sufficiente para que partilhando o meu throno seja a soberana amada d'esses povos ». Izabel em resposta collocou a sua mão nas do jovem imperador que escandalizando novamente a córte, n'ella depoz o seu primeiro beijo de noivado. O casamento realisou-se na

proxima primavera, vindo Francisco José a Linz, esperar a sua noiva nas fronteiras do territorio Austriaco. Foi pelo magestoso e poetico Danubio que a futura Imperatriz, por uma manhã cheia de sôl fez a sua entrada solemne, conduzida n'uma embarcação toda coberta de flôres, velludo e ouro. Izabel da Baviéra, tinha apenas dezeseite annos e em meio de tantas flôres que a cercavam ella era a mais fresca e bella flôr.

A vida e a realidade tomaram bem cedo a sua desforra sobre a poesia e o sonho e essa eucantadora donzella que parecia destinada a ser a filha predilecta da fortuna, conheceu como Imperatriz e mãe todos os desgostos e todas as tristesas com que um implacavel destino sem piedade a perseguia. As mais terriveis catastrophes acabrunharam essa pobre rainha que sorveu com resignação admiravel a ultima gota de fêl do calix da Amargura, até que o punhal de um monstro a prostrasse morta, nas margens do Leman, no meio d'essa bella natureza que ella tanto e tão sinceramente amou.

M. B.



A IMPERATRIZ ISABEL  
Assassinada por um anarchista em Genebra  
a 10 de Setembro de 1898.

# Wilhelmina de Orange, Rainha da Hollanda

**A** Hollanda no meio de ruidosas festas, coroou e aclamou a sua nova rainha Wilhelmina, a graciosa e bôa Wilhelmina, rebento viçoso do velho e nobre tronco de Orange-Nassau, o qual parecia querer seccar e morrer com o ultimo Guilherme o terceiro, cujo filho, Guilherme tam-



Guilherme III  
Pae de S. M. Wilhelmina.

bem, dissipara pelos boulevards de Pariz os restos de tão illustre fidalguia. E como Wilhelmina, assegurando a estabilidade do throno, afugentava as luctas de pretendentes e dissipava os receios de que reis novos de raças novas viessem mandar sobre a pacifica e prospera Hollanda, o povo começou por adoral-a no berço, e, pelo

tempo fóra, tem-na trazido no aconchego do seu respeitoso carinho, como alguém que pertinazmente acalenta uma fagueira esperança. Wilhelmina durante todo este tempo, tão curto como os seus 18 annos, foi a preocupação constante do sereno povo neerlandez, e de anno a anno, quando se publicavam novos retratos ou quando os sellos mudavam da effigie gordita de pequerrucha para o perfil mais alongado e fino da donzela, em todas as familias, no conforto dos interiores tão aceiados e tão caracteristicos, se contavam anedoctas da vida da pequenina soberana, que desenhavam o seu caracter e o affirmavam puro, solido e nacional. Uma vez Amsterdam inteiro ria d'aquella pirraça que a princeza fizera á sua governanta, uma ingleza severa, que lhe dera a fazer uma carta geographica da Europa. Wilhelmina ja por amor patrio, já por innocente malicia contra a inflexivel perceptora, desenhara um mappa de Europa onde a Hollanda impavida se alargava prodigiosamente e onde a Inglaterra, encolhida a um canto, mal se via. Outra vez, na Haya, commentava-se com alegria o rasgo de altivez real que Wilhelmina tivera. Brincando nos jardins passara ao lado de uma sentinella que não lhe fizera a continencia e logo interrompendo o seu brinquedo, a princeza aproximara-se do soldado que lhe sorria e impertigando-se perguntara : Quem sou eu?

— A princeza Wilhelmina — respondera o soldado.

— Não sou tal. Eu sou a sua rainha. Faça a continencia. O tom imperioso e soberano com que isto foi dito embarçou o soldado que perfilando-se obedeceu.

A contar estas pequeninas coisas e muitas outras, formou a Hollanda a primeira pagina da historia da sua soberana. E que linda historia ! Tão branca, tão serena e tão modesta que mais parece a chronica de uma burguezinha de Frise.

A parte esta feição intima e iamos quasi a dizer familiar, que liga o povo e a rainha, que mais pode contar o chronista senão que Wilhelmina é de uma deliciosa belleza e de uma elegancia de flor; que, sob a regencia de sua



A rainha Emma  
Mãe de S. M. Wilhelmina.

mãe, aprendeu com gosto e intelligencia tudo o que deve ornar um espirito real; que a sua juventude robusta e inquieta se compraz nos exercicios phisicos, no galope vertiginoso, atravez bosque, ou no balanço do alto mar; que a sua bondade e caridade discretas são penhor do muito que vale o seu coração; e que enfim todo o seu espirito é levantado por uma grande sinceridade, que agora, durante as festas da coroação, transpareceu n'aquelle sorriso largo e luminoso que transformou o entusiasmo neerlandez n'um dilirio, n'uma adoração quasi.

O reino de Wilhelmina abre pois sob fagueiros auspicios; a Hollanda, prospera e satisfeita, entrega os seus destinos nas finas mãos de uma soberana e para governar povos vale muitas vezes mais essa mão aristocratica e femenina, do que o braço forte de um monarcha. Se outros exemplos não nos desse a historia, ali estaria essa formidavel Inglaterra para nos affirmar quão pacifico e prospero periodo tem sido o reinado de Victoria.

Que o de Wilhelmina de Orange seja tão longo e tão feliz como esse e que Deus a ajude a engrandecer a Hollanda, patria gloriosa de Rembrandt, d'esse prodigioso Rembrandt cuja obras immortaes reunidas, durante as festas, em Amsterdam, formaram como que um maravilhoso templo de arte aonde a jovem rainha pela segunda vez foi coroada.

L. S.



S. M. Wilhelmina  
Aos 15 annos — em traço de Frize.



VILHELMINA DE ORANGE

Rainha da Hollanda. Coroada a 6 de Setembro de 1898.

# Aç Festas de Coroação na Hollanda

As festas começaram pela entrada triumphal das soberanas em Amsterdam. A cidade, por esta, occasião apparecia decorada com um gosto e uma profusão admiraveis. Em todas as ruas por onde devia passar a cortejo a municipalidade tinha



Rapariga da Zelândia.

sorridente, que contrasta com a das outras capitães de Europa. Desde pela manhã muito cedo toda

levantado arcos de triumpho, trophes emblematicos, mastros engrinaldados de flores, bandeiras de seda tendopintadas as antigas armas de Oran e Nassau, flamulas cõr de laranja, a cõr symbolica da dynastia, cõr viva e alegre que invadia Hollanda durante as festas, e no ceu claro e acinzentado, como na agua escura dos canaes poz uma nota brilhante, um reflexo quente e festivo.

Desde a gare até ao Dam, onde está o palacio Real, uma multidão immensa acotovella-se alinhada e contida pelas filas dos soldados e pela policia, uma policia delicada quasi

esta multidão veio tomar logar e não arredou pé, á espera do momento solemne em que de perto poderá acclamar a bella rainha, atirar-lhe flõres e beijos. Nas janellas, nas montras das lojas, nas tribunas improvisadas, na beira dos telhados, uma outra multidão mais tranquilla, com a consoladora ideia de que melhor verá, mais á vontade e mais de alto, canta, dá vivas a Wilhelmina, á Hollanda, a Amsterdam. E assim se ganha tempo. Á uma hora a cavallaria passa para ir á estação fazer a



Grupo de pescadores de Marken.

guarda de honra. O povo acclama o exercito, alegre por ver que o grande momento se aproxima; e com effeito dos lados da estação um ruido, como que um clamor se levanta, e de um a outro lado os espectadores annunciam que suas majestades chegaram. N'este instante com effeito ouvem-se os tiros do canhão, e todo o povo se remeche, se indireita, se arranja toma posição para ver melhor; a policia percorre o meio da rua fazendo entrar no alinhamento os curiosos mais atrevidos. E finalmente o cortejo chega, avançando lentamente no meio de um entusiasmo indescriptivel. Depois do esquadrão de cavallaria, dos burgmestres, dos dignatarios da cõrte, em caleches de gala, eis o coche da rainha que avança todo branco e doirado puxado por oito cavallos, que oito pagens a pé guiam á mão por meio de grandes fitas crême.

Sua majestade Wilhelmina traja com simplicidade elegante um vestido de seda branca e a seu lado a rainha mãe tem uma *toilette* de seda roxa. O delirio das acclamações commove a encantadora rainha, que não contém a sua alegria, e comprimenta á direita e á esquerda com um sorriso que dir-se-hia contem muitas phrases de reconhecimento, de sympathia, de tudo o que n'este momento deve passar no seu espirito.

E o cortejo segue assim, no meio d'este triumpho, por sobre a ponte que atravessa o Amstel toda enfeitada de seda cõr de laranja, ao longo de Utrechtsche Straat bri-



AMSTERDAM. — A praça do Dam e o palacio real.



Paysagem hollandeza.

lhante de uma decoração magnífica em que as palmas, as flores, as sedas e os bordados se casam n'uma harmonia esplendida e sumptuosa. Este trajecto triumphal dura uma hora, que decerto pareceu bem curta á jovem rainha. Na volta que a carruagem faz da praça do Dam, Wilhelmina mostra ter uma leve pena de que o caminho não fosse mais longo para que mais povo, mais gente lhe sorrisse, a aclamasse e lhe deitasse flôres. O coche entra porem no palacio e como a multidão reclama com grandes gritos a sua rainha, Wilhelmina graciosa, apparece ao balcão, toda illuminada pelo sol do poente, o sol de prata que quiz tambem ser da festa.

A primeira parte do programma terminara e a multidão contente espalhou-se pelas ruas illuminadas com arte e profusão, e até á madrugada cantou o hymno nacional e dançou nas praças publicas ao som de orquestras improvisadas. No dia seguinte foi a cerimonia da Coroação. Esta cerimonia teve logar na Igreja Nova, que se ergue na mesma praça de Dam em frente do Palacio. A igreja tinha sido interiormente adornada com plantas raras e com custosas tapeçarias. Como a cerimonia é simplesmente constitucional e civil nenhum emblema religioso estava á vista e nenhum padre tomou parte na coroação. Ao fundo da igreja, sob um espaldar requissimo,



A CASA DE BOSQUE. — Palacio real de verão, na Haya.

está o throno real e ao lado uma cadeira onde se sentará a rainha regente. Frente ao throno uma mesa, recoberta de velludo, sustenta o sceptro, a corôa real e a consti-tuição do reino. Em volta toda a multidão dos convidados, os principes estrangeiros, os embaixadores os altos funcionarios.

Um pouco antes do meio dia a Rainha regente entra no meio de um cortejo de dignatarios e logo apoz em quanto o orgão toca o hymno real a rainha Wilhelmina apparece e toma logar no throno real. O orgam calla-se. A rainha, que um pesado manto adorna, olha para sua mãe e como esta a anima com o olhar enternecido, começa a ler, de uma voz lenta, clara e segura o seu primeiro discurso do throno. Depois tendo acabado levanta-se e estendendo o seu bello braço, exclama com vigor e quasi com enthusiasmo. « Juro que hei-de-defender e guardar de todas as minhas forças a independencia e territorio do Imperio

etc. etc.

Un triplo hourra acolhe este juramento, e lá fóra na praça o povo, ouvindo este clamor, responde com uma aclamação enorme que se alastra e se repete como um echo: Viva a rainha Wilhelmina! Os tambores rufam, as musicas tocam o hymno real e no meio d'este barulho estonteador a rainha volta ao Palacio, sempre a sorrir, como alguem que faz um sonho encantado.

As festas continuaram durante trez dias e a todo o momento o enthusiasmo rompia aclamando a encantadora rainha que hoje preside aos destinos da gloriosa Hollanda.

Não terminaremos este artigo

sem nos refer imos á maior maravilha d'estas festas magnificas. Queremos fallar do *Museu Rembrandt*. Para encantar a gentil rainha, as fadas operaram este prodigioso milagre de fazer com que amadores ciosos e museus altivos emprestassem a Amsterdam, por algumas semanas, os quadros de Rembrandt, que possuam. E imagina-se que maravilha rara foi a d'essa reunião de cento e vinte e trez obras-primas do mestre, que encanto para os ciosos de arte, que prazer para os ferventes da escola hollandeza de pintura, e que religiosa contemplação para os devotos de Rembrandt.

Até n'esta manifestação de arte, se descobre a felicidade que bafeja o throno de Wilhelmina, felicidade que estamos certos ella empregará, com zeloso cuidado, á prosperidade e gloria de sua patria.



Rapariga de Marken.

# A circular Mouraviev

**H**A quatro annos passados, a familia imperial russa, reunida no palacio de Livadia, assitia contristada aos ultimos momentos de Alexandre III. N'essa bella residencia de verão, retiro predilecto do grande imperador, a morte veio bruscal-o envolvida n'uma d'essas mysteriosas molestias que o destino inclemente faz pesar sobre os Romanoffs. A fatalidade não permittio a esse poderoso autocrata, o mais pacifico e justo dos soberanos, que realisasse o sonho grandioso e humanitario que sempre premeditou.

Sentindo approximar-se os seus ultimos momentos, quando recostado n'uma poltrona contemplava o mar immenso e tranquillo, Alexandre III chama a sua adorada esposa, essa nobre princesa da Dinamarca, e seu filho primogenito, futuro imperador de todas as Russias. Á primeira, beija-lhe as mãos cobrindo-as de lagrimas e ao segundo pede com uma voz serena que tudo fizesse em nome da grandeza da patria pela conservação da Paz. E n'esse derradeiro pedido que tradusia a idea dominante no espirito do soberano, elle insistia para que o programma politico, inaugurado nos ultimos annos do seu reinado, fosse piedosamente continuado.

Nicolau II, actual imperador, subindo ao throno, declarou solemnemente, na proclamação dirigida ao seu povo que todos os seus esforços tenderiam a esse objectivo; e a sua visita a Paris e a consagração da alliança Franco-Russa representam a execução fiel das ultimas recommendações paternas.

A circular Mouraviev, ultimamente enviada a todos os diplomatas acreditados em São Petersburgo, veio surprehender os gabinetes europeos, provocando a admiração dos governos das outras nações. O ministro do Tsar, por ordem do seu soberano faz em nome da humanidade um eloquente e energico apello á reunião de uma conferencia, na qual serão discutidas as bases de um desarmamento geral, que será por sua vez a garantia de uma paz universal e duradoura.

Bella utopia ou breve realidade, a grande idea parece caminhar, recebendo d'esde começo as adhesões de todas aspotencias quelouvam sem commentarios o nobre ideal, aceitando sem restricções o convite que lhes é dirigido.

Mas de que modo e sobre que bases, elementos tão heterogenos, aspirações que se rivalisam nas mil reivindicaciones das racas, cimentadas nas luctas seculares, vão se pôr de accordo procurando a grande concordia n'um sincero e fraternal amplexo?

A ambição da Inglaterra, o irredentismo da Italia, a *revanche* da França, o Oriente sempre a fumar, admittirão que o seculo vinte seja o reinado da confraternisação dos povos?

Os musulmanos de Abdul-Hamid, massacrando quinhentos christãos em Creta, sob as vistas protectoras dos almirantes europeos encarregados de garantir a ordem n'essa malfadada ilha, não constituem por ventura uma expressiva resposta a essa circular tão cheia de boas intenções?

E é justamente agora, apoz uma verdadeira guerra de rapina, na qual a America do Norte despoja a Hespanha de todas as suas colonias, que a Europa pretende discutir a paz universal!

Essa mesma Europa que, forçada pela Inglaterra, não cogitou um só momento de impol-a e nem mesmo ousou intervir contra as escandalosas ambições americanas que revoltaram o mundo por uma serie de conquistas, indignas de uma grande e livre democracia.

O *Novosti* de São-Petersburgo, jornal semi-official, adeantando as discussões da projectada conferencia, declara, que a questão primordial a discutir e sobre a qual repousam todas as esperanças de um bom resultado, é a solução do problema da Alsacia e Lorena.

Accrescenta o mesmo periodico que essa solução é muito realisavel sob as bases de uma neutralisação, garantida pelas boas intenções da França e da Allemanha.

Admittindo-se mesmo um completo successo na liquidação d'essa questão, é ella, francamente a unica, capaz de impedir um desarmamento europeu?

Como pensam os futuros Congressistas deliberar sobre a occupação do Egypto, a independencia dos Balkans, as aspirações do Hellenismo, as reivindicaciones do Papa e a sorte da China?

Será possivel, como acima dissemos, deante de tantas divergencias, fazer-se um accordo leal, seguido de um compromisso honesto e sincero, proclamando a Paz?

A Inglaterra abandonará o Egypto? O hellenismo obterá satisfacção? Roma será entregue ao Papa? Os povos dos Balkans serão reconstituídos? A China será suseranna da Russia?

E mil outras pequenas rivalidades, outros tantos pretextos de luctas servirão por sua vez uma solução radical e pacifica? Acreditamos que, independente do toda a boa vontade e o mais acrysolado amor pelo bem da humanidade, a resposta fatal á maioria d'estas questões é pura e simplesmente negativa. O desaccordo é de ante-mão evidente.

A circular Mouraviev representa a continuacção de um sonho ideal e irrealisavel. Extraordinariamente bello, humanitario e justo, elle é, por essas mesmas virtudes, inapplicavel na nossa epocha em que prima com soberania o direito do mais forte e quando a expolição do fraco pelo rico e poderoso vae justamente começar na discussão da Paz Hispano-Americana.

Em nome da justiça universal na primeira reunião dos Congressistas que tenham acudido ao apello do imperador Nicolau e antes que a questão do desarmamento seja abordada, será de grande utilidade para a causa da Paz que um bom movimento da Europa regularise esse tratado leonino e monstruoso que o governo de Washington pretende impor ao de Madrid, com um menosprezo completo de todas as conferencias e circulares de paz que o espirito sentimental de um soberano possa imaginar.

M. BOTELHO.

# Terras de Hespanha

## Uma Visita ao Escorial

Não posso dizer-te que sejam grandes os encantos dos arredores de Madrid; nem grandes, nem pequenos, porque não são nenhuns. Philippe II devia ter bem mau estomago e o pensamento bem sombrio, para se decidir a trazer para aqui o centro da moderna Hespanha. As outras capitães da Europa, quasi todas possuem arredores que mais ou menos merecem percorrer-se, mais ou menos interessantes, como os de Londres e os de Vienna, os de Paris e os de Roma. Madrid acha-se edificada no extenso dorso nudo de uma collina, que do Guadarrama vae ás montanhas de Toledo. Toda a terra em volta, amarellenta e secca, só germina trigos, e alimenta mal raras arvores dispersas; e assim, quando a primavera passa, é que um pouco de verdura attenua a crueza sombria d'esta paisagem antipathica, por onde as vinhas e os olivedos dão, apenas de longe a longe, algum repouso á vista. A uns cincoenta kilometros para o sul, vae o Tejo rolando sem murmurios as suas aguas turvas, que o contingente de uma série de affluentes parrallos ligeiramente engrossa. A passagem d'essas aguas pelo sólo argiloso abriu sulcos profundos, escarpados por vezes, e pelo fundo se desdobra e corre o leito dos ribeiros...

Em todo o caso, a pouco e pouco, e á medida que vou atravessando esta Castilla Nova, algum tanto me reconcilio com a austeridade d'ella e acabo mesmo, chegado a Aranjuez, por notar que á minha vista se offerece certa sensação de agrado que eu já não esperava.

Os caminhos são maus, e a não ser a cavallo, ou pela via ferrea, que é por onde sigo, qualquer outro meio de transporte, em diligencia ou em burro, é tanto para arrasar o desprevenido mortal que ao passeio se aventure, como arrasaría os pneumáticos de alguma bicyclete, que por aqui se mettesse em exercicio.

Quando se sae de Madrid, passados os primeiros kilometros, bruscamente se tem a desoladora impressão de quem se encontrasse, como por encanto, ao abrir os olhos de um sonho, no fim do mundo, tendo pouco antes adormecido á partida de uma das mais bellas capitães modernas. Entra-se então a percorrer toda uma immensa planicie, cujo horizonte parece não indicar fim em todos os sentidos, a não ser para o norte, que o Guadarrama magestoso tinge, ao cahir da tarde, d'esse mesmo tom violaceo-escuro que inunda o fundo dos quadros de Vellasquez...

As povoações são raras, e teem todas ellas, ainda mesmo as que mais perto de Madrid ficam, o mediocre aspecto de terras de provincia pobre, em que as casas inconsistentes se diriam feitas de um dia para outro, com tijolos simplesmente sobrepostos, e magros jardins ou insignificantes pedaços de horta, vedados por muros tão solidos, que

uma creança os deitaria por terra com um empurrão e tudo isto tem, não sei porque, um aspecto triste de ruina.

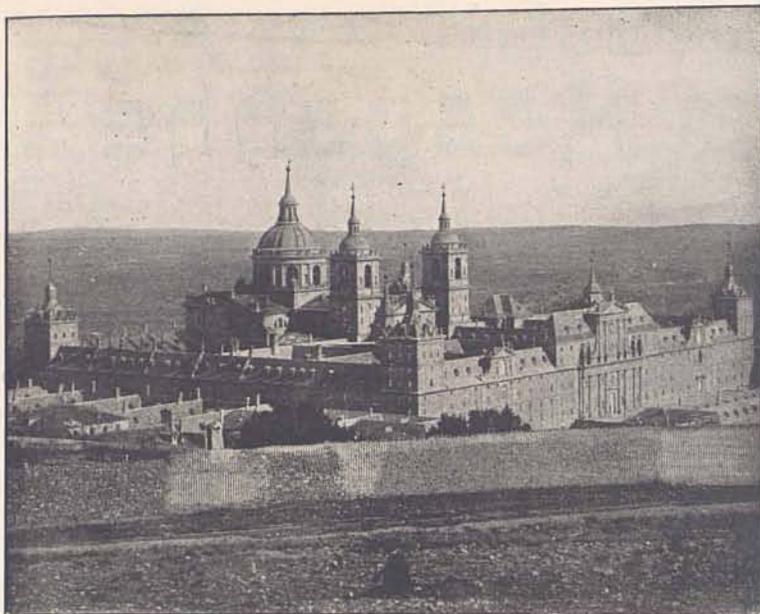
As paragens que o comboio faz são pouco frequentes e rapidas, masse em alguma d'ellas ha maior demora, já eu me sinto inquieto por que a locomotiva de novo se ponha em marcha. O pittoresco que tantas pequenas povoações de Castilla Velha nos offerecem á beira do caminho, falha a qui por completo; não ha um traço regional, não ha uma figura característica, não ha nada. Depois, parece que as arvores de mais em mais rareiam, e a pouca verdura que de leve anima as bordas dos ribeiros, ao longo dos arroios, é a verdura amortecida, tenra, diluida, dos choupos e dos salgueiros. Só nas veigas felizes, por onde correm juntos, confluindo, o Tejo com o Jarama e o Jarama com o Hénerés, misturando os susurros e as espumas, é que a vegetação consegue tornar-se um pouco mais espessa, e toma então tons diversos, de macieza e frescura...

Uma tão desoladora paisagem não convida ninguem de espirito desanuviado a disfructal-a, e assim se explica que nos arredores de Madrid não se encontre hoje nem um solar, nem uma casa de campo, nem um chalet. O caminho de ferro, quando chega o verão, se encarrega de levar para muito longe toda a gente rica e toda a gente de bom-gosto, que abandonar pode a cidade, em procura de amaveis sensações de relva e de agua.

Em compensação, não falta por estes sitios a caça, e é ella que constitue, a bem dizer, o unico prazer que os madrilenos se procuram perto de Madrid. A provisào de perdizes e coelhos é-lhes muito bastante, e, se um pouco mais longe avançam, os javalis não faltam.



ESCURIAL — O mosteiro visto do caminho de ferro.



ESCORIAL — O mosteiro visto do alto da colina.

Os que não vão á caça, nem aos toiros, nas tardes de domingo, invadem alegremente o sem-numero de *merenderos* que se encontram ao redor da cidade, á semelhança das nossas hortas, e ahí petiscam e bebem, brincam e dançam, riem e namoram, no inoffensivo folguedo de pares que se enlaçam e volteiam sem arrebatamentos, ao som da musica de um realejo velho.

Eu não podia deixar de visitar, como toda a gente, esse famoso Escorial que os hespanhoes dizem ser a oitava maravilha do mundo. Até lá fui hontem, por uma bella manhã bem fresca e clara, na excellente companhia de um jovialissimo padre que, posto á portinhola do nosso compartimento, cada vez que o comboio se detinha em qualquer estação, servia de espantallo a toda a gente, pois por aqui se alimenta tambem, como entre nós, o preconceito de que mau é, e arriscado, o viajar com padres.

Isto deve surprehender-te, como me surprehendeu a mim, sabendo-se quanto arreigadas andam ainda, n'este povo, as crenças religiosas, e sobretudo quanto a imaginação popular se submete, em materia de religião, de preferencia aos poderes celestes, ás necessidades do rito.

Este meu companheiro de viagem é um bem curioso tipo de sacerdote moderno, intelligente e vivo, dotado de todo esse subtil sentimento de necessaria transigencia com as idéas, mais ou menos absurdas, de progresso, em que o seu tempo se debate, e de sua natureza jovial e franco, palrador e humorista. Já elle estava á portinhola, todo debruçado para fóra, olhando risonhamente, pelos olhos de oiro, bem redondos sobre a larga face rosada e luzidia, e seguindo interessadamente o movimento agitado e divertido da estação, quando na gare entrei para tomar logar. E vendo-me metter resolutamente a mão ao fecho da portinhola, e tendo de incomodar-se, arredando-se, para me dar entrada, n'um mesmo instante eu percebi no seu rosto aberto, insinuante, a diversa expressão d'estes dois sentimentos: a arrelia, pela minha entrada, no momento em que o comboio ia partir, e quando elle julgava já que poderia ir só, muito á sua vontade, como em sua casa; e a surpresa que a minha impertinencia lhe causava, querendo trepar para ali, quando toda a gente mudava de rumo ao vel-o á portinhola...

Facilmente entabolámos conversa, o que não podia deixar de ser, tu o comprehendes bem, onde se encontrassem um portuguez e um hespanhol; e não tardou que o meu companheiro me confessasse, com grande gaudio, aquillo de que eu já tinha anticipada certeza, e vinha a ser: a contrariedade que a minha presença n'aquelle compartimento a principio lhe causara, mas para não tardar em desvanecer-se, percebendo, disseme, que a companhia lhe conviria muito ás mil maravilhas.

Esta simplicidade, esta facilidade de travar conhecimentos e de estabelecer relações, de que os hespanhoes possuem o curiosissimo segredo, e que sabem guardar como ningem, é um dos traços mais pronunciadamente característicos do seu modo de ser. E em caminho de ferro é que melhor se observa tão risonho aspecto da vida castelhana. O hespanhol entra n'um wagon, e se não traz desembaraçada uma das mãos, a primeira coisa que faz é desembaraçar alguma d'ellas, para a levar ao seu chapéo, e descobrir-se n'um gesto largo de saudação geral, para quem esteja

presente:

— « *Buenos días, señores!* »

Em seguida, procura logar onde accomodar o seu alforge, a sua borracha de vinho, o seu sacco de mantimentos para a viagem, a sua manta ou a sua capa; e só depois é que procura o logar que destine para si. Uma vez intallado, esse hespanhol, n'um relance, mede d'alto a baixo o seu visinho do lado, ou o seu visinho da frente, e logo encontra a idéa mais precisa e a mais apropriada phrase para dar começo á conversa, em que ha de passar-se o tempo de todo o seu trajecto. Poucos minutos depois, um quarto de hora, quando muito, esse hespanhol estabeleceu com o hespanhol seu visinho um verdadeiro trato de affavel familiaridade, que é das coisas que eu por aqui vou observando mais singulares e patuscas. E não tardará que, chegando o apetite, que o ar e a distração da viagem abriam facilmente, e desdobrado o farnel sobre os joelhos, e desrolhada a borracha, esses dois hespanhoes não se partilhem irmanamente quanto chouriço e quanto vinho levem.

O meu companheiro padre não trouxera farnel de especie alguma, e por esta boa razão nada podia offerecer-me; mas foi o primeiro a lembrar, quando chegámos ao Escorial, e passámos pela porta da *Fonda Nueva*, que bem poderíamos almoçar de sociedade, e que juntos iriamos em seguida a visitar o Mosteiro, o Palacio, e o resto.

Do melhor grado acceitei eu a proposta, e assim fizemos, e assim andámos, até que chegou, á tarde, a hora de cada um de nós ir para seu lado, regressando eu a Madrid, seguindo elle para Avila, onde me disse que vivia, e onde eu encontraria desde então, e sempre que quizesse, a sua porta aberta, a sua meza posta, e o abrigo do seu tecto, e a leitura dos seus livros, e as flôres do seu jardim... E queres tu saber em que termos elle se despediu de mim, effusivamente, quasi enternecidamente, apertando a minha mão entre as suas e sacudindo-a muito? Pois fica tu sabendo que n'estes termos foi, juro-t'ó eu:

— « *Adios, mi bueno y antiguo amigo!* »

Embebido na conversa d'esse catalão jovialissimo, que a breve trecho juntava, a uma loquella profundamente hespanhola, indicios claros d'uma bella erudição, atravessei os cincoenta e um kilometros que vão de

Madrid ao Escorial, quasi sem dar pela monotonia do tracto, e apenas interrompendo o cavaco nos pontos de paragem para os quaes o meu companheiro me levava, uma ou outra vez, a desviar a attenção, como em Pozuelo de Alarcón, onde ha casas de campo e alguns jardins formosos que meia duzia de familias madrilenas vem disfructar no verão; e em Torrelodones, onde o famoso Frascuelo, matador de toiros, que tu admiraste já em Lisboa, é senhor de uma rica propriedade e dono de um importante armazem de seccos e molhados; e em Villalba, que é a estação mais proxima das pedreiras d'onde se tira a excellente pedra *berroqueña*, tanto empregada nas edificações de Madrid.

Ouvindo-o falar, fluente e pittoresco, e não perdendo uma só das suas palavras, nem um só dos seus gestos, nem um só dos traços mobilisados da sua physionomia, todo eu me entregava ao regalo de admirar como n'este idioma castelhano, filho do latino, mas forjado por um nobre e ousado e vigoroso povo, a que não faltam sublimes virtudes, nem coração ardente e puro, nem qualidades de imaginação apaixonada, e por elle forjado nos momentos mais quentes do seu entusiasmo, nos transe mais difficeis da sua desventura, nos dias mais celebrados da sua bella historia, não ha uma idéa elevada e profunda, um sentimento nobre e grave, uma acção heroica e transcendente, uma paixão ou um aneio, uma mei guice ou uma brandura, que não tenha a palavra propria precisa, castiça, para a sua expressão clara, para o seu peso exacto, para a sonoridade harmonica da sua exteriorisação.

Encadeando elle os assumptos da conversa, por maneira tal, que d'essa como soldadura dos aneis que formassem a cadeia eu não podia encontrar o mais ligeiro vestigio, para que de tudo falassemos, e havendo percorrido, com quasi tanta velocidade como a do comboio que nos levava, os mais desencontrados pontos de historia, de philosophia, de arte, iamos trepando já por essa escarpada vertente de cimo inatingivel, poirenta e árida, da Immortalidade da Alma, quando fizemos paragem na estação de Torrelodones, e ahi descemos, aproveitando os quinze minutos que havia de demora, para distender as pernas, tomar um copito de *aguardiente*, comprar tabaco e mudar de conversa.

Junto da estação, e voltando para quem passe sobre a linha ferrea a sua fachada branca de cal, onde se lê com todas as suas letras, e bem grandes, e bem negras, o distico: *La Verdad* — o armazem de Frascuelo, á beira do caminho, sorri-nos e saúda-nos, como d'antes o seu dono nos sorria e saudava do meio da arena, unindo os calcanhares e alevantando a cabeça, o barrete em uma das mãos e na outra a capa e a espada, offerecendo-nos a sorte a que fosse aventurar-se... E é para lá que toda a gente, em ancia, se dirige e corre, e eu e o padre, como toda a gente.

Frascuelo não disfructa apenas a reputação prestigiosa de um insigne toureiro, o que n'esta terra equivale bem á maior gloria que pode aproveitar a um feliz mortal. E pódes tu crer que para esta gloria vale bem a pena trabalhar em Hespanha — porque ella não traz só comsigo o entusiasmo das turbas, os sorrisos das mulheres, os chapéos pelo ar, os leques, as charuteiras, os ramos de cravos, quando, ao cabo de uma estocada eximia, o toureiro faz a volta da arena, na presença dos milhares de espectadores que se amontoam nas bancadas do amphitheatro, erguendo-se e

estremecendo em clamores de jubilo. A gloria do toureiro em Hespanha é alguma coisa muito mais positiva e solida, sob uma fórma pecuniaria e tilintante, que muitas vezes representa uma fortuna. Mazzantini é millionario, Guerrita vive á tripa-fórta, e Reverte, que ainda n'esta ultima epoca liquidou duzentas mil pesetas, tendo juizo, sabendo ser economico, se não chegar a ser em poucos annos um dos grandes de Hespanha, bem poderá vir a ser um dos seus maiores contribuintes.

Por este denodado Frascuelo, hoje retirado da arena, e sóbriamente recolhido aos seus penates, no tranquillo proveito das suas economias, que lhe deram para comprar dois predios em Madrid e esta boa propriedade de Torrelodones, onde reside — os hespanhoes conservam um verdadeiro culto, e, sempre que podem fazer o passeio em que vamos, é com a idéa preconcebida de matarem, d'uma cajadada, dois magnificos coelhos: verificar se Frascuelo continua a gosar saude, e se o Escorial não mudou, por acaso, de logar. E assim Frascuelo, sem já correr o perigo de alguma grave colhida, como d'uma vez em que a haste do toiro, entrando pelo ventre, foi fracturar-lhe uma costella, continua vivendo cercado das adulações e complacencias que veem render-lhe, ao balcão, numerosos passageiros d'este caminho de ferro. E por detraz d'esse balcão, com *su cuadrilla* — a mulher, um filho e uma filha — vae o glorioso *espada* realisando o seu negocio de tabacos e bebidas, que por nenhum modo o avilta, nem deslustra, antes enobrece o nome que d'elle terão a herdar, com os seus bens de fortuna, os seus dois filhos.

Frascuelo ganhou bem, durante o longo exercicio da sua profissão e na pratica superior da sua arte, a aureola que resplandece em torno do seu chapéu desabado. Elle associou em si, ao vigor physico, uma soberba força moral, de que a prova foi dada em grandes golpes de audacia, sempre a par d'uma altiva lealdade na lucta com o toiro, e que d'elle fizeram, póde dizer-se, o maior toureiro da sua epoca. Quem uma vez o viu avançar para a féra com a *muleta* enrolada, afastando de si todo e qualquer auxilio, e a curta distancia parar e endireitar o busto, fitando bem e medindo o inimigo, — quem uma vez o viu n'esse transe, não esquecerá nunca a emoção que teve, tal a sua energia e arreganho. Depois, quando entre o corpo magro do homem e as aguçadas hastes do



ESCURIAL — As pinturas da abobada do claustro.

toiro o terreno escasseava, como elle dava começo ás voltas do *trasteo*, e finalmente como, chegado o supremo instante, Frascuelo soltava um grito alegre e acometia a féra, vibrando-lhe uma d'essas estocadas mestras, que á historia da sua arte passaram com a technica designação de estocadas frascuelinas! Era, em verdade, soberbo!

Para um povo, como este, de cuja vida nacional as corridas de toiros fazem parte integrante, conservando o inalteravel character d'uma tradição, não admira que um homem como Frascuelo se torne illustre, graças a essa mesma forma particular de coragem, desdenhando a morte, pela qual se illustraram os heroes dos torneios medievaes. E com respeito a Frascuelo, cuja biographia é de todos conhecida aqui nos mais pequenos detalhes, cujo retrato se nos depara por todas as paredes, nas caixas de phosphoros, nos forros dos cha-



ESCORIAL — O Salão da Torre.

péos, e cujo nome põe em todo o semblante de hespanhol, que o pronuncie, a expressão bem aberta do orgulho patriótico, um facto se dá que mais o eleva ainda no conceito dos seus conterraneos, qual o de saber-se que elle junta, a uma tão altiva gloria como a que disfructa, um impeccavel e exemplarissimo character de cidadão, de negociante e de chefe de familia.

Pois, meu amigo : a despeito de tudo isto, quando tive de pagar o gasto que em aguardente e cigarros eu fizera no armazem de Frascuelo, e das proprias mãos de Frascuelo ia receber, como quem recebe uma reliquia, a demasia do *duro* que lhe dera, imagina tu qual não foi a surpresa em que caí, ao verificar que o troco dava bem exacto com os preços correntes da mercadoria de Madrid!

Quando se chega ao Escorial, o que, antes de mais nada, convém fazer, é ir bater á porta da fabrica de Matias López, situada a dois passos da estação, e sollicitar do illustre industrial a honra de nos mandar servir uma taça do seu famoso e confortavel chocolate.

Como levavámos pressa, nem eu, nem o padre quize-

mos perder o tempo necessario para conhecer pessoalmente o grande chocolateiro e visitar-lhe a fabrica, a que não falta, parece, um só dos modernos aperfeiçoamentos; mas quando chegámos ao cimo da encosta, que desejamos subir a pé, em tal estado de debilidade nos achámos, tão exgotadas iam nossas forças, que só pensavamos em tratar do almoço.

Tive depois que arrepende-me do pouco interesse que tomara em ver Matias López, quando, no dia seguinte, interrogado pela minha hospedeira de Madrid, ácerca da impressão que a presença de um tão illustre hespanhol me poderia haver causado, ingenuamente respondi que não o tinha visto... Percebi então qua o chegar ao Escorial, e voltar sem ver Matias López, é facto tão estranho e tanto para razão de troças, como esse de ir a Roma e não ver o Papa.

A verdade, porém, é que de um dia que se destine para admirar o Escorial, não é muito o tempo que sobeja, nem pouco, para admirar outra coisa.

Só a imaginação phantasiosa de um formidavel cabeçudo, como era Philippe II, seria capaz de conceber um monumento como este, o mais grandioso, pela execução, de todos os que conheço, mas sem duvida o mais disparatado, pela idéa. Se não houvesse ligado á historia d'este edificio um esplendido facto da historia de Hespanha, que elle perpetúa, qual o da victoria ganha pelos hespanhoes aos francezes nos campos de San Quintín, ha uns trescentos e quarenta annos, talvez se podesse attribuir a uma grande maluqueira régia a sua realisação.

A respeito do Escorial, terei eu de limitar-me, e dentro já da escassez do papel em que te escrevo, e dos adjectivos ricos que na bagagem me restam, a um pouco d'aquillo que, no ditoso paiz onde o Conselheiro Carrilho floresce, se chama a eloquencia dos numeros.

O Mosteiro e o Palacio formam um corpo unico, um monstro de cimento e pedra, que a muitas leguas de distancia se avista e se distingue, severo e simples, sobre a immensa e sombria cordilheira de Carpeto-Vetonica, que o Guadarrama prolonga. Dos quatro angulos que o limitam sobem quatro torres, e é quanto ao longe sobesae do aspecto pesado e inteiriço d'aquella tremenda massa de architectura dórica.

Mas aproxima-te connosco e, ao mesmo tempo que em tua idéa vaes pondo os numeros que vou dar-te, deixa-me amenizar um pouco o enfado que, ao longo d'estes claustros, escadarias e pateos, nos assalta, e mais forte é que nós, recordando, a proposito, uma d'aquellas amaveis mil e uma historias, que o Julio Cesar Machado tinha o dom de nos contar como ninguem.

D'uma vez que appareceu em Lisboa e se exhibiu em um dos seus theatros certo prestidigitador italiano, cujas habilidades vinham apregoadas pelos jornaes estrangeiros que, a esse tempo, como muitos de agora, tiravam o ventre de miserias com o reclame de quantos dentistas lhes pagassem para isso, o actor Taborda annunciou, no Gymnasio, uma scena comica em que prometia imitar, quanto em suas forças coubesse, os talentos de escamoteação do notavel italiano. O Gymnasio, n'essa, noite, encheu-se, e Taborda foi, como nunca, impagavel de graça, fazendo e dizendo coisas que de mãos nas ilhargas punham toda a gente, rindo a bandeiras despregadas. Por fim, quando já ninguem acreditava que a um mortal fosse permittido ter mais pilheria do que elle tivera, Taborda desceu uma vez ainda do palco á platéa, á semelhança do prestidigitador italiano, e abeirando-se de um espectador idoso, de suissas brancas, que acabava de assoar-se, com estrondo, a um vasto

lenço vermelho d'Alcobaça, pediu que lhe emprestasse a sua caixa de rapé. O espectador não hesitou um momento, e confiou a Taborda uma magnifica caixa de tartaruga com incrustações de ouro. Pedindo licença, Taborda tirou uma pitada, que absorveu com regalo, por ambas as ventas, bateu na tampa tres pancadinhas com os dedos : « Um, dois, tres! » e, restituindo o seu a seu dono, disse :

— « O cavalheiro tem agora, dentro d'esta caixa, quinhentas e oitenta e oito mil, duzentas e cincoenta e cinco moleculas de rapé. Faça favor de contar!... »

Veiu isto a proposito de ter eu de informar-te, segundo o guia de que me faço acompanhar na visita do Mosteiro, da Igreja e do Palacio, dos pontos que por aqui merecem ser admirados, dos jardins, dos passeios, das fontes e de *todo lo mas*, que o Escorial comporta 16 pateos, 12 claustros, 14 saguões, 11 poços, 87 fontes, 3,000 janellas, 12,670 portas, 4,566 aposentos, 300 celias, 86 escadas, 6,704 degraus, 40 altares, 13 oratorios, 9 orgãos, 9 torres, 16,000 pinturas a oleo, 540 frescos, 7,500 reliquias. Sem contar sotãos nem desvãos, tem 5 andares. O mólho das chaves que fecham todas as suas portas pesa 33 arrobas. Quem quizer percorrer todo o interior do edificio terá de andar 32 leguas e meia. O terreno que occupa, com as construcções adjacentes, tem a extensão de 456,756 pés quadrados. A fachada principal, que é do poente, mede 744 pés de largo, por 73 de alto. As torres elevam-se a 200 pés do sólo, e sobre cada um dos capiteos pyramidaes que lhes põem termo ha uma bola de ferro, sustentando a cruz, que tem 2 metros de diametro. Uma imagem de São Lourenço, em pedra de Monegro, e collocada sobre a porta principal, mede 15 pés. O zimbório tem 207 pés de circumferencia interior, 62 de diametro, 14 de espessura, rematado por uma esphera de bronze que peza 136 arrobas. Do pavimento da Igreja á extremidade da cruz que estende os braços sobre aquella esphera, e que representa, finalmente, a maxima altura, vão 350 pés... E agora peço eu á tua curiosidade que consinta, chegados a tão alto, em descansar um pouco, porque já sinto andar a cabeça á roda, e, a contar tantos pés, já metto os pés pelas mãos...

Um dia, quando cá vieres, para verificares se dá certo, terás tu mesmo a bondade do contar !

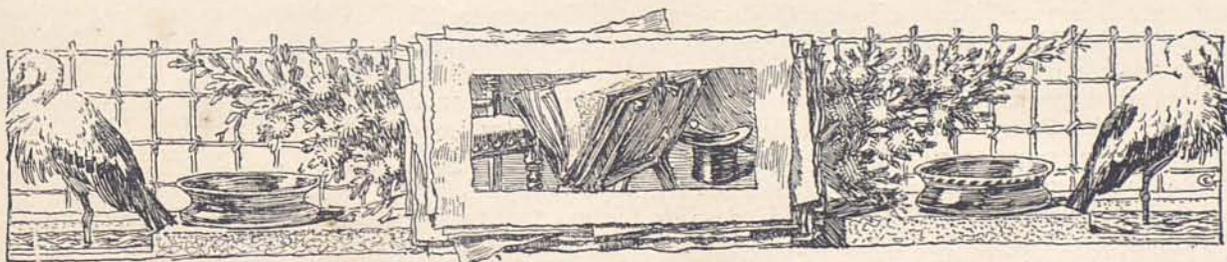
Mas vamos adiante... Na Bibliotheca, por onde correm, ao longo e ao alto das immensas paredes, e solidamente pousando sobre um pedestal de sanguineo jaspe, formosissimas estantes de ebano, cedro, e acajú, encontra-se, entre muitas outras preciosidades, o antiquissimo *Codice aureo*, cujas letras foram todas recortadas em laminas finissimas de ouro, e applicadas depois sobre o pergaminho das folhas. As abobadas da Igreja, pintadas a fresco, representam a maior obra de Luca Giordano,

que n'ella empregou apaixonadamente, além de muita somma de talento e de imaginação, vinte e dois mezes consecutivos de trabalho. Junto do altar-mór estão collocados dois pulpitos de agatha e bronze dourado a fogo, que só para os ver valeria bem a pena, se necessario fosse, fazer tres vezes, a pé, a volta do Guadarrama. Cada uma das folhas dos grandes livros do côro foi cortada d'uma pelle inteiriça de vitella, e para isso se arrancou a pelle a 17.000 vitellas. Ao fundo de um corredor, n'uma pequena capella, ha um Christo, em marmore branco, de Benvenuto Cellini. Entre os muitos e valiosos quadros de pintores celebres, que cobrem os muros da Sacristia, vê-se o famoso *Presepio* de Ribera, e a *Ceia* de Ticiano. Todas as salas de Palacio são forradas de tapeçarias riquissimas, umas de origem hespanhola, outras de origem flamenga, e em numero de 330 ao todo, reproduzindo quadros de Goya, de Bayen, de Rubens, de Teniers, de Wouvermans, e d'uma grande perfeição de côr e de tecido. Uma d'essas salas, a chamada Sala das Batalhas, mede 198 pés de extensão e 25 pés de alto, e as paredes são cobertas, d'alto a baixo, por frescos de Fabricio e de Granelio, reproduzindo a batalha de Higuernela, ganha aos moiros por D. João II de Castella, na Vega de Granada, a batalha de San Quintín, as expedições maritimas dos hespanhoes aos Açores no reinado de Philippe II, e uma revista das tropas d'este mesmo Rei, sendo quasi incrível a minuciosidade da pintura, que a paciencia chineza dos pintores levou ao ponto de tornar perfeitamente visiveis e distinctos os detalhes, as feições das mais pequeninas figuras que formam a multidão dos exercitos, nos derradeiros planos... Finalmente, e depois de tantas e tão formosas grandezas, indicamos uma escadaria sombria, que descemos, abrem-nos uma porta por onde entramos, e um vasto aposento nos mostram de paredes nuas, frias e caiadas, mal illuminado, triste como a Morte; e a um canto uma cama, uma mesa, uma cadeira de braços, um tamborete, e mais nada. Porque nos trouxeram aqui? O que significa esta pobreza franciscana, que um tão subito contraste nos offerece com o luxo e a sumptuosidade de quanto temos visto? A resposta está escripta na parede, e em verso :

« En este estrecho recinto  
murió Felipe segundo,  
quando era pequeño el mundo  
al hijo de Carlos quinto.

Fué tan alto su vivir,  
que solo el alma vivia,  
pues aun cuerpo no tenia  
quando acabó de morir. »

ALFREDO MESQUITA.



# O Monte Valeriano

No alto da pittoresca collina de Suresnes, pequena cidade nos arredores de Pariz na margem esquerda do Sena ergue-se o Monte-Valeriano, no cimo do qual está edificada a fortaleza do mesmo nome, fortaleza que domina Saint-Cloud, Boulogne e a grande capital, e que foi o antigo convento dos missionarios. Em epochas bem remotas ali existia uma velha ermitagem, lugar de numerosas peregrinações, que visitavam o calvario que até hoje perdura. Sob o reinado de Luis XIII os sacerdotes da Cruz ahi fundaram um convento e uma egreja, occupados annos mais tarde pelos Jacobi-



Mr. Cavaignac, ex-ministro da guerra.

nos de Pariz. Napoleão I, ordenou a construcção de novas edificações destinando o Monte-Valeriano a um estabelecimento de educação para as filhas dos membros da Legião de Honra. Durante a Restauração a Congregação dos *Pères de la Foi* n'elle residio até á revolução de julho de 1830, epocha em que foi expulsa sendo a maioria dos edificios destruidos. Em 1870-1871, durante a guerra franco-allema o general Trochu, governador de Pariz e presidente do governo da Defeza Nacional, residio no Monte-Valeriano durante uma grande parte do cerco de Pariz. O armisticio assignado em 28 de Janeiro de 1871 exigia a evacuação de todas as fortalezas cercando a capital, sendo por esse motivo o Monte-Valeriano abandonado pela sua guarnição a 18 de Março, na mesma occasião em que a communa triumphava nas ruas da capital, queimando e destruindo os monumentos da cidade. Mais tarde quando os revolucionarios ameaçaram de marchar contra Versalhes onde funcionava o governo legal, foi o Monte-Valeriano reoccupado por ordem de Thiers pelo general Vinoy que fez com que os canhões da grande fortaleza decidissem em grande parte do resultado das celebres fornadas de 2 e 3 de Abril d'esse anno nefasto.

É no Monte-Valeriano que são encarcerados provisoriamente os officiaes superiores sob o peso de uma accusação qualquer até que a ordem de prisão definitiva seja assignada, enviando-os ao *Cherche-Midi*, casa de detenção militar.

O triste drama de espionagem que, ha dois annos, resolve a França n'uma terrivel luta, degenerou ultimamente n'uma serie de inesperadas scenas de theatro das

quaes a mais tragica e sensacional foi a prisão e o suicidio do coronel Henry, chefe do servico de espionagem no estado maior do exercito francez. Esse official superior, occupando uma posição de tanta confiança e responsabilidade, sempre sustentado pelos seus chefes e pelo governo, não trepidou em fabricar um documento falso, no qual o capitão Dreyfus era apontado como tendo relações com uma embaixada estrangeira. O ex-ministro da guerra Mr. Cavaignac, informado da grande suspeita que pairava sobre esse documento, interrogou energicamente o coronel Henry sobre a authenticidade dessa carta; e, deante dos generaes Pellieux e de Boisdeffre, sendo obrigado em nome da sua honra de soldado a declarar toda a verdade, acabou o coronel Henry por confessar ao seu ministro e superior que esse documento era elle proprio quem o tinha feito. Preso incontinente e recolhido ao Monte-Valeriano, suicidou-se vinte quatro horas depois, cortando a carotida com dois golpes de navalha. Na mesma prisão em que suicidou-se o coronel Henry — esteve durante semanas preso o coronel Picquart tambem envolvido no processo Dreyfus-Zola. O suicidio do coronel Henry, revolucionou a opinião publica franceza e a maioria da imprensa, que exige francamente em vista destes factos a revisão d'esse celebre processo. Elle creou tambem complicacões politicas immediatas, as quaes tiveram como primeiro resultado a retirada de Mr. Cavaignac do ministerio da guerra, sendo substituido pelo general Zurlinden. Este por sua vez depois de ter longamente estudado o famoso *dossier* Dreyfus oppoz-se formalmente á revisão e demittiu-se no momento em que o governo decretava esta medida. Para o ministerio da guerra foi recentemente nomeado o general Chanoine que accieita em principio a revisão mas cujo primeiro acto governamental foi entregar á justiça militar o coronel Picquart sob a inculpação de ter fabricado e usado de um documento falso.

O coronel Henry foi uma das testemunhas que contribuíram para a condemnação do capitão Dreyfus em 1894 e fez tambem durante o processo Zola, uma das mais vehementes deposições contra o grande escriptor, que como todos sabem batalhava pela revisão. O chronista do jornal francez *le Temps* commentando os acontecimentos que se succedem, diz que o « Monte-Valeriano » será ainda o theatro de bem tristes epilogos referentes á mesma causa.



O coronel Henri.

MARIO TOLEDO.



# DRESDE

(NOTAS E PHOTOGRAPHIAS DO NOSSO CORRESPONDENTE)

**D**RESDE impressionou-me deliciosamente pelo seu aspecto risonho. Seria pelo contraste que faz com a enorme, pomposa e muito nova capital prussiana d'aonde eu acabava de chegar, aquella graciosa cidade impregnada ainda dos perfumes do seculo XIII, com seus elegantes edificios barocos, erguendo os telhados d'um verde pálido no claro ceu d'essa manhã de primavera? É possível. O certo é que a bonita capital de Saxe possui um encanto proprio, que á simples vista seduz o forasteiro sensível ás bellezas delicadas e selectas da natureza e da arte.

Tudo contribue para isso: os monumentos de linhas pictorescas, graciosamente contornadas e lançadas com delicadesa; o seu agrupamento harmonico á beira do Elbe, que desliza as suas aguas limpidas ao longo dos terraços e passeios cheios de sombra; o necessario movimento para dar a impressão d'uma grande cidade, sem offerecer os respectivos inconvenientes; um tom claro de verdura, bem distribuido, parecendo illuminar a cidade com as côres da bandeira saxonia, e acariciando o olhar de todos os pontos, nas margens do rio, nos *squares* aqui e acolá abertos, e até por sobre os edificios onde, tomando uma tonalidade mais clara e suave, empallidece na luz; enfim, as longinquas perspectivas, onde a verdura se nos depara sempre por entre as construcções, esbatendo-se pouco a pouco no azulado dos montes e serranias largamente onduladas que, lá muito ao fundo, delimitam o horisonte: tudo, enfim, se congloba para encantar a vista e a recordação que fica.

E se pensarmos que n'este aprazível logar, como que predestinado a abrigar os sonhos da elegancia, floresce precisamente o culto das artes, a ponto de haver merecido Dresde o epitheto de « A Florença do Elbe », e que lá se acham reunidas innumeradas maravilhas criadas por genios apaixonados pela Belleza, — que mais será necessario para alli nos prendermos e passarmos dias encantadores?

As faces brutaes ou simplesmente prosaicas da vida material desenrolam-se lá na sombra; e enquanto que outras cidades parecem votadas á labuta, ao trabalho constante, Dresde dir-se-hia, pelo contrario, ser apenas uma grande estancia de prazer. Demais, este caracter é-lhe accentuado por um clima dulcissimo e pelas bellezas naturaes dos seus arrabaldes. Eis porque a affluencia de estrangeiros a Dresde é enorme, e muitos (cerca de 12.000) alli habitam sempre, sobretudo americanos e uma grande colonia russa.

A população ressen-te-se de todos esses caracteres combinados d'elegancia, d'arte, de vida alegre e cosmopolita, e Taine encontraria alli um bello argumento a favor da sua theoria da influencia do meio sobre a raça: os saxonios são, d'entre os allemães, os que mais se aproximam dos franceses pela distincção, pelo engenho, pela urbanidade justamente opposta a rigidez dos allemães do norte como a *gemüthlichkeit* infantil dos Austriacos; a propria lingua allemã é lá mais pura e suave que n'outros pontos.



DRESDE

(Vista panoramica tomada da Marienbrucker.)



A praça de cathedral e a estatua do Luthero.

A capital de Saxe, oriunda de uma pobre aldeia de pescadores e feita cidade em 1206, conta hoje 300,000 habitantes. É dividida pelo Elbe em duas partes bem distintas: a cidade nova, ao norte, e a antiga, ao sul e a oeste, ligadas entre si por quatro pontes.

A primeira é, contudo, a de origem mais remota; mas a sua reconstrução no principio do seculo XVIII, em sequencia d'um incendio que quasi inteiramente a destruiu, valeu-lhe o nome de nova que lhe dão. Todavia, apesar d'este rejuvenescimento, ficou agarrada a sua velha praça, de aspecto humilde em comparação da sua rival fronteira, que, pelo contrario, ostenta todo o luxo e brilhantismo modernos, e se desenvolve a olhos vistos.

O contraste é flagrante quando pela « velha ponte », ou « Ponte Augusta », que une os centros das duas cidades, se vai da primeira, — semelhante pelas suas construcções a qualquer das nossas cidades provincianas, — á praça do Castello, ou á do Theatro, na outra margem. Para lá da larga ponte desenrola-se a nossos olhos um bello grupo de palacios, de egrejas elegantemente floreadas de esculptura e com numerosas torres. Em primeiro logar, destaca-se, em frente de nós, entre as duas praças, limitadas á esquerda pela escadaria do verdejante terraço de Brühe que corre ao longo do Elbe, a igreja catholica da Côte, um edificio italiano porventura semelhante, como seus dois andares de ricas fachadas ornadas de pilastras, de claraboias, rematando por terraços com balaustres e estatuas, á communhão de dois palacios sobrepostos, se não lhes desse homogeneidade a alta flecha elevando os seus campanarios ao ceu.

Per detraz agrupam-se as construcções irregulares e algo hybridas do palacio real, meio renascença, meio baroco, com torres-baluartes bulbosas, que uma, de 101<sup>m</sup> d'altura, domina. Em seguida, a um lado, fechando a vasta praça ao meio da qual, sobre um alto pedestal decorado de baixos-relevos, se ergue a estatua equestre de bronze doirado do rei João, antecessor do actual, a Galeria de Pintura estende a sua larga fachada Renascença, por sobre a qual se desenham as linhas elegantes e onduladas dos Pavilhões do *Zwinger*, e as duas flechas gothicadas da igreja de Santa-Sophia. Emfim, á direita, o

Theatro da Côte, no estylo da Galeria, dispõe em hemicyclo as suas linhas nobres, cortadas ao centro por um portico soberbo flanqueado pelas estatuas de Goethe e Schiller e encimado por uma quadriga de bronze erecta com imponencia.

Este bello theatro cuja sala comporta 2,000 espectadores, é relativamente recente: acabado em 1878, reproduz em ponto grande, segundo os planos do celebre architecto alemão Semper, o antigo theatro que um incendio destruiu em 1869, e ao qual se ligavam recordações das batalhas gloriosas do *Rienzi*, do *Navio Fantasma*, e do *Tannhäuser*, de Wagner, que n'elle fôra, por muito tempo, director d'orchestra. De resto, o grande compositor triumphou igualmente, e agora sem reservas, no novo edificio e com todas as suas obras, á excepção do

*Parsifal*, por enquanto reservado á Bayreuth. Alem d'isso, as obras-primas dos grandes mestres de todo o mundo alli são expostas, successivamente, á admiração dos espectadores: é um verdadeiro santuario da arte nobre e escolhida (1), e não, como em muitos países, um simples logar d'exhibição, comquanto a presença frequente da côte lhe dê todo o seu apparato real. As representações de Dresde são, de facto, notaveis na Alemanha.

É verdade que o rei dá annualmente 1.200,000 marcos, ou sejam 600 contos fortes, para subvencionar o theatro e a excellente « Capella » da igreja catholica que dá tambem no theatro concertos profanos.

\* \* \*

A Galeria de pintura proporciona-nos outras impressões d'arte encantadoras. Quem não conhece, pelo menos de nome, essa celebre collecção? É, como se sabe, um dos primeiros museus da Europa, pelo numero das suas obras-primas. Fundado pelo rei Augusto III que, em 1475, comprou a Galeria de Modena, é de lastimar que o gosto do tempo desse pouca attenção ás adoraveis escollas primitivas dos seculos XIV e XV, e muita, pelo contrario, ás do seculo XVIII; em compensação, que de maravilhas, e como esses senões desaparecem ao brilho d'ellas! Alli se vêem: *A adoração dos pastores*, tambem chamada *A noite* de Corregio, com o seu magico claro escuro; *Moysés salvo das aguas*, a *Madona com uma familia venusina* e *Adoração dos Magos*, de Paulo Veronése, com toda a pompa do seu colorido; as *Venus deitadas* de Palma y Giorgione, esplendidas na elegancia das suas formas divinas; o *Dinheiro de Cesar*, de Ticiano, um poema de verdade, de grandesa e de expressão; depois, n'uma pequenina sala do canto, separada por

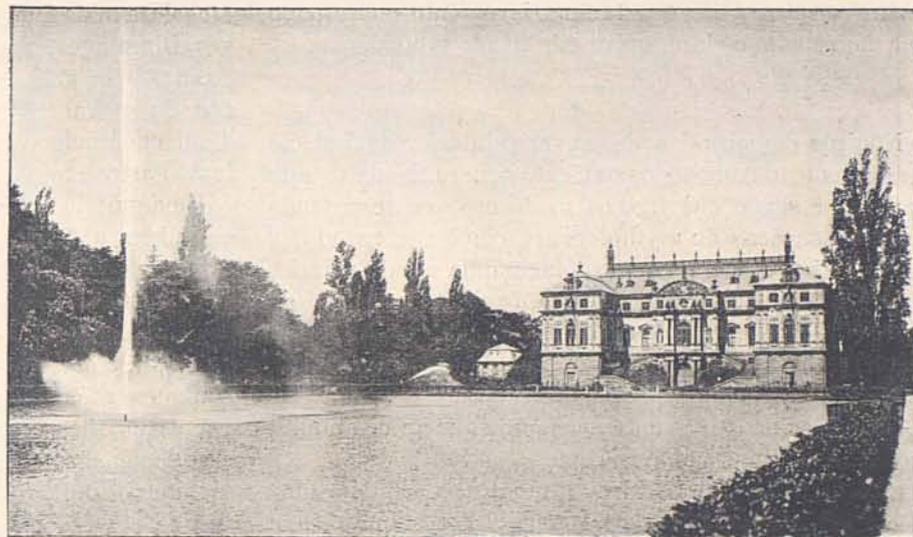
(1) Foi um critico saxonio que disse, e muito bem, que a *Carmen*, de Bizet, representa os processos de Wagner postos em pratica para o theatro.

portas gradeadas e fechada com reposteiros, como um sanctuario que convida ao recolhimento, a *Madona Xistina* de Raphael, n'uma especie de throno, como maravilha entre aquellas maravilhas. Foi adquirida esta *madona* em 1765 por 225,000 francos, e offereceram por ella, ha annos, a quantia de 3 milhoes! Os visitantes, ao entrarem n'aquella sala, abafam o ruido dos passos, para não perturbar a contemplação dos que estão nas bancadas que rodeiam o sala e, ou por admiração ou por snobismo, ou enfim por simples docilidade para com os conselhos de Bædeker, demoradamente ficam, hypnotisados, ante o painel. Devemos sempre convir em que, se as *madonas* de Raphael, apesar da sua fama, parecem a muitos não serem o ideal do genero, nem mesmo a mais bella expressão do genio do Mestre d'Urbino, esta é, entretanto, a melhor de todas. Não é, realmente, uma Virgem que elle tenha evocado, mas é sem duvida a rainha do Céu, a apparição vinda ao limiar do Paraiso, trazida por um sopro divino, trazendo ella propria a impressão imperiosa do desconhecido, e para a qual convergem a adoração e a veneração de santos e anjos!

Os pintores holandezes dão-nos em seguida um espectáculo mais familiar, assumptos tratados com o seu conhecido amor do verdadeiro, conscienciosos até á minucia: temos de Mieris, *A visita do Amador*, e *O artista penteando sua mulher*; a *Leitura da carta*, de Vauder Meer; *Uma rapariga á janella*, de Gerard Doco; o *Atelier* e *A estalagem*, de Van Ostade; *A fazedora de rendas*, de Metsu; e quantos outros mais, quadros bem pintados, mas fatigantes afinal pela monotonia dos assumptos mesquinhos, e d'entre os quaes destacamos, com prazer, a funda poesia de Ruisdaël no *Caminho por entre o bosque*, a *Charneca*, ou alguma paisagem de A. Van Everdiugem (*Lago de Noruega*).

Da escola franceza, mui pobremente representada, vê-se comtudo, a par d'alguns Watteau, um magnifico Claudio Lorrain: *Paisagem com a fugida para o Egipto*. Mas cá temos a severa escola allemã, os caracteristicos e vividos *Retratos* de Bernard Van Orley, por Dürer; do *Sieur de Morette*, por Holbein, com o esboço a lapis ao lado; uma admiravel copia — tão perfeita que por muito tempo foi tomada pelo original — da bella e grave *Madona do bourgmestre Meyer*, de Darmstadt; em seguida um encantador triptyco de João Van Eyck, a *Virgem entre Sta Catharina e S. Nicolau*, aonde revivem toda a graça e o engenho da primitiva escola de Flandres.

Seguidamente os grandes pintores flamengos e holandezes apresentam-se com largas e quentes composições. Rubens, uma *Caçada ao Javardo*, um *S. Jeronymo orando* e muitos retratos, entre os quaes os de seus dois filhos, repetição do quadro magistral da galeria Liechtenstein, de Vienna; de Jordaens, *O filho prodigo*; de Rembrandt, a *Pesadora de ouro*, o *Enigma de Sansão*, o *Sacrificio*



O Parque e o Palacio imperial em Dresde.

de *Manué*, e o bem conhecido quadro representando o artista rindo, com sua mulher ao colo e de copo na mão; de Van Dyck varios *Retratos*, dois especialmente maravilhosos, como sempre, de distincção e verdade; etc.

No andar superior estão os quadros antigos de menor importancia, e as telas modernas, onde a escola allemã está bem representada por Gabriel Max, Defregger, Gebhardt, Lenbach, Uhde, Friese, Max Klinger, etc.

No rez-do-chão acham-se as obras do seculo xviii, notavelmente miniaturas e pasteis, sendo d'estes a maior parte de Rosalba, e alguns excellentes de Liotard, de quem sobresaie a afamada *Vendedora de chocolate*, tão formosa. Ao lado, o gabinete das estampas e desenhos, muito importante, onde um milhar escolhido entre os mais bellos estão expostos envidraçados.

Os museus d'Historia Natural, d'Anthropologia e d'Ethnographia, — onde não temos a citar senão curiosas collecções d'aves empalhadas com seus ninhos; ovos e crias, e algumas interessantes petrificações, — são nos edificios de *Zwinger*, situadas por detraz da Galeria de Pintura.

Seis pavilhões, no estylo empedrado de cascata, cheias de ornamentações e ligadas por longas galerias, com um portico monumental de linhas originaes e graciosas, onde a corôa real se ergue sobre uma cupula bulbosa sustida por grupos de columnatas, compõem este edificio.

Este conjuncto faustoso, com o encanto d'uma vista theatral, dar-nos-ha uma ligeira ideia do que teria sido o palacio a que servia de frente, e que fôra concebido, no seculo xvii, pela brilhante imaginação do architecto Pöppelmann: teria sido, senão um dos mais imponentes, pelo menos um dos mais vistosos palacios do mundo. Todavia, o que vemos, forma decerto o edificio mais característico de Dresde, com a sua architectura cheia de riqueza e elegancia, floreos muito trabalhadinhos e espantosos, mas particularmente seductores, d'uma civilisação aristocratica e refinada.

No vasto quadrado de mais de cem metros de lado que estas construcções formam, canteiros de flôres ao meio dos quaes está, assentada, a estatua de bronze do rei Frederico-Augusto I, juntam o sorriso das suas verduras e matizes a esse sumptuoso scenario; e, ao lado, um gracioso jardim inglez, dá ainda a poesia de seus um-

brosos maciços, do seu tanque levemente encrespado por um esbelto e claro, quasi etherisado repuxo.

\* \* \*

Não me demorei a descrever o interior do Palacio Real, luxuoso como todos os d'este genero. Nada tem de particular senão uns frescos modernos, representando scenas historicas ou mythologicas, como decoração dos salões de baile e de banquete. Mas n'uma ala do palacio, ao fundo do pateo principal, — que aliás pouco tem de notavel, — vê-se uma das maiores curiosidades de Dresde: a *Grüne Gewölbe* (camara verde) onde está o real thesouro, — uma das mais importantes collecções de curiosidades artisticas e de joias que existem no mundo, talvez até a mais rica de Europa.

Está disposto em 8 compartimentos, e contem uma incomparavel profusão d'objectos preciosos que o Guia da Córte leva uma hora a mostrar ao visitante: — Primeiramente bronzes: um *Crucificado* de Jean de Bourgogne, reduções d'estatuas equestres, de bustos; a seguir, uma segunda sala cheia d'um tom branco amarellado dado por uma grande quantidade de márfins; crucifixos, figurinhas, baixos-relevos, copas de cerveja, e, (o que não surprehende o visitante), trabalhos de paciencia chinesa: a *Queda dos maus anjos*, comprehendendo 42 figuras talhadas n'um só pedaço de marfim de 40 centímetros d'altura; 23 espherazinhas armilares, fechadas umas nas outras, movendo-se isoladamente cada uma na que a contém, etc.; depois objectos de madreperola e de ambar, conchas, ovos d'abestruz armadas em copos; mosaicos, esmaltes (muitos de Limoges); a seguir, na sala do meio, uma decoração de conchinhas muito antiga, com paredes verde-pallidas e que dá o nome á collecção, e um relógio de bule, proveniente de M<sup>me</sup> de Pompadour, cujos ponteiros immoveis marcam eternamente a hora d'um seculo que morreu; talhas em redor das quaes parece ainda haver o perfume subtil d'outr'ora; calices, taças, a taça de Luthero! Eis ainda outros vasos talhados em cristal ou pedras finas, como agata, lapis-lazuli, jaspe, onyx, etc; relógios curiosos com figuras movimentadas; muitos objectos de fantasia, de oiro, pedras preciosas, perolas, e outros trabalhos de paciencia como Augusto II gostava: um ovo d'oiro com surpresas, contendo primeiro uma bola amarella, no interior d'ella um pintainho, dentro d'este uma corôa que por sua vez encerra joias.

Seguem-se recordações mais nobres e preciosas: a Biblia de Gustavo Adolpho; varias insignias dos coroaamentos dos reis da Polonia; a enebriante collecção das joias da corôa de Saxe: diademas, collares-d'ordens, condecorações, alamares, armas de luxo, vendo-se em tudo isto o brilho das pedrarias e o doce embaciado das perolas, juntamente com a reverberação do oiro (uma faixa contém 662 diamantes) e entre os quaes é admiravel o famoso diamante verde, de 160 grãmmas de peso, que orna uma fivella. Emfim, para terminar por uma curiosidade bem typica; A *Córte do Grão*

*Mogole*, a mais famosa das singulares creações do ourives Dinglinger, cognominado o Benevenuto Cellini de Saxe: — cento e duas figurinhas moveis, formadas todas de pedras preciosas encrustadas em oiro. Sae-se d'alli enebriado e com pena de ver tanta riqueza e talento gastos em obrinhas quasi futeis e mesquinhas!

Uma galeria reúne o Palacio á Egreja Catholica, que é tambem a da Córte, pois se a maioria dos saxonios é lutherana, a familia real, como se sabe, é fiel ao catholicismo. O interior do edificio condiz com o exterior pomposo e rico que descrevemos. Ao contrario da maravilhosa architectura gothica da idade media, criação do sonho e da fé, onde parecem pairar visões mysticas e, por assim dizer, a alma da religião, esta architectura, decadencia da Renascença, (a egreja foi construida pelo architecto italiano do seculo XVIII, então muito em voga, Chiaveri), parece ter comprehendido apenas a exterioridade do Catholicismo, procurando apenas dar um quadro espaventoso ás suas ceremonias magnificas.

Tudo isto canta, mas não reza; e as *fiorituri* dos violinos e das harpas da *Capella da Corte*, que todos os domingos dá missas cantadas de muita fama, cantão perfeitamente d'accordo com esse scenario luxurioso, onde a severidade do cantochão absolutamente destoaria.

Subamos agora, ao lado da egreja, a larga escadaria que fecha a praça, flanqueada por grupos de marmore, desgraçadamente doirados, representando a Noite, a Manhã, o Dia e a Tarde.

Dá accesso ao famoso terrasso de Brühl, resto dos bellos jardins enfeitados de grutas, fontes, etc., que o Conde de Brühl, ministro d'Augusto III, mandara fazer em frente do seu palacio, acima do rio. Lastimavelmente modificados pelo arranjo do caes, não ha já d'elles senão esta avenida de magnificas arvores, terminando em fórma de jardim inglez, e que é um dos melhores passeios de Dresde.

Do alto d'esta umbrosa alameda, aonde os cafés offeecem ao passeante descanso e refresco, por vezes ao som d'uma bella orchestra, a vista abrange as duas cidades tão dessemelhantes: uma, pesada e acinzentada, com



O castello de Albrechtsburgo.  
(Nas margens de Meissen, arredores de Dresde.)

enormes quartéis; outra risonha e pictoresca, alinhando filas d'árvores e de *chalets* á margem do Elbe, que serpeia, aqui e alem ponteados por estabelecimentos balneares, barcos mercantes ou de recreio, que trazem juncto de nós a animação dos desembarques, e logo partem levando forasteiros ás regiões montanhosas da «Suissa Saxonia», desenhadas no horisonte; e n'este fresco scenario, com as cambiantes dos personagens que alegremente vão e vem, ao som caricioso das valsas que se evolvem na brisa, as horas fogem com toda a suavidade...

Ao lado, construcções monumentaes, que em breve o Palacio do Landtag saxonio completará, continuam a serie de brilhantes edificios: é o palacio de Brühl, a Moeda, a Academia de Bellas-Artes, o palacio das Exposições, com uma grande cupula de vidro sobre a qual uma Fama de ouro abre as suas azas para o ceu. Emfim, temos o Museu d'Esculptura, cujas numerosas salas encerram grande numero d'obras gregas e romanas, aliás pouco notaveis, completados por uma rica serie de moldagens de esculturas antigas celebres, da idade-media, da Renascença e dos tempos modernos; ao lado da obra completa dos esculptores de Dresde d'este seculo, Rietschel e Hähnel, já fallecidos, Schilling e Robert Diez, ainda vivos, a gloriosa escola franceza contemporanea brilha particularmente. Isto tudo forma um interessante e instructivo resumo da historia da plastica.

Mais atraz, temos ainda a Synagoga, de bello e severo estylo romano, o Jardim Botanico; depois, entramos no interior da cidade.

A Johannesstrasse, commercial e cheia de vida, conduz-nos a uma pequena praça onde, ante um edificio moderno d'estylo gothico, o Collegio da Cruz, onde estudou Wagner, estão erigidos, ao meio de massios de verdura, os bustos do poeta Guskow e do compositor Otto, e a estatua de bronze de Theodoro Kærner, o Tirteu allemão da guerra de 1813, em pé, declamando fogosamente as suas canções patrioticas. Era, de facto, oriundo de Dresde, e a sua casa natal, na cidade nova, foi convertida n'um pequeno museu, contendo muitas recordações do poeta e da sua epocha, tão cheia de perturbações.

Na extremidade da praça começa um bonito passeio

publico ajardinado, a *Bürgerwiese*, ou Prado dos *Burgueses*. Longo e estreito, plantado á maneira britanica, com alamedas sinuosas correndo sob arvoredos entre grandes massios de verdura onde, aqui e acolá, se destaca a brancura d'uma estatua ou serpeia um pequenino regato, conduz suavemente ao extremo da cidade, e vem acabar no grande parque real, o bosque de Bolonha de Dresde.

Apesar de mais pequeno e menos animado que o de Paris, tem um aspecto mais magestoso com a perspectiva da sua avenida principal, cuja entrada é ornamentada com vasos e grupos de marmore branco, e se alonga, bordejada d'árvores gigantescas de frondes luxuriantes. Poucos parques no mundo offerecem tão soberba vegetação: carvalhos seculares de ramificações poderosas, álamos, faias, todas rivalisando de vigor e belleza, e estendendo em todos os sentidos os seus enormes troncos; dominando os bosquezinhos mais modestos que contornam as alamedas serpentinadas, dando tudo a impressão d'uma verdadeira floresta.

N'este scenario natural ha o sufficiente movimento de passeantes e carruagens para lhe darem a animação da cidade sem tornar o bosque n'um borborinho; e, para lhe dar um tom de especial distincção, as equipagens reluzentes da Côte e da Aristocracia, trazem-lhe o seu luxo pictoresco.

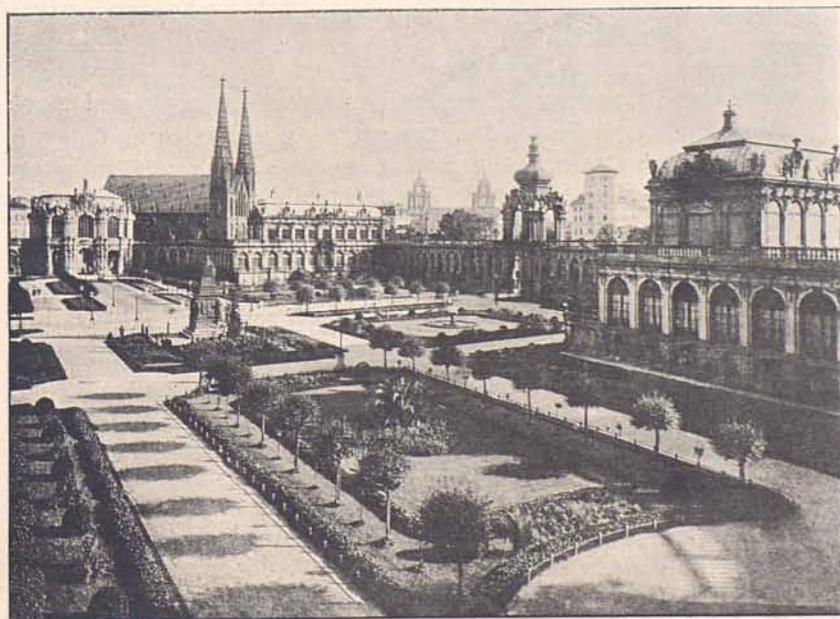
Tudo, n'este delicioso retiro, fala de serenidade e do amor pela vida. Comtudo foi elle, durante dois dias de 1813, theatro de combates encarniçados entra os aliados e as tropas de Napoleão; a morte semeou-o de muitos cadaveres, mil sangrentos horrores, dos quaes a natureza parece ter feito resurgir, mais risonha que nunca, a flora vivificante que hoje nos seduz!

Ao centro do immenso parque, um bonito pavilhão que contém um museu de objectos religiosos da idade-media retirados das egrejas saxonias depois da reforma, espelha a sua escadaria e a sua frontaria Renascença nas aguas d'um tanque, aonde os cysnes deslisam brandamente sob o alvo e ondulante penacho de um repucho.

Depois, seguem-se as largas avenidas das quaes d'um lado e outro, caminhos estreitos partem e se internam pela floresta.

E por toda a parte os bons habitantes de Dresde se vêem tranquillamente alegres, tomando haustos puros, parando ao passar por qualquer *conditorei* para tomar sorvetes ou o classico café com leite das 5 horas.

Entremos na cidade pela avenida sombria que atravessa ao sul da *Bürgerwiese* a parte nova de Dresde. É o quarteirão elegante e preferido sobretudo pela colonia americana: uma quantidade de *chalets* graciosos avistam-se de todos os lados em meio da verdura dos seus jardins. Depois vem a Pragerstrasse, uma das mais bellas ruas de Dresde, cercada de ricas lojas e de casas de uma architectura imponente e de platibandas ornamentadas; ella nos conduz mesmo ao centro da velha cidade. Uma ligeira curva á direita nos fará admirar a bonita fonte O LADRÃO DE GANSOS devida



O museu e os jardins.

ao esculptor Roberto Diez. Um rapazola florentino apoiada-se de um ganso que, furioso debate-se sob os seus braços; segura pela aza um segundo que procura escapar-lhe por entre as pernas, enquanto outros voam amedrontados, de todos os lados. Pelos bicos abertos desses aquaticos sahem sob uma forte pressão, jactos d'agua limpida que vem cair n'uma vasta bacia cercada por uma bella grade de ferro fundido. Um pouco mais longe duas grandes praças; a do Mercado Velho, ornada de uma estatua da GERMANIA em marmore branco, cercada de figuras symbolicas; lembrança da guerra de 1870-71 e a do mercado novo com um grande busto de Frederico-Augusto II, em bronze, trabalho de Rietschel e a alguns passos mais deante do templo protestante, um outro busto de Luthero, tambem pelo mesmo esculptor. Deixando de lado uma quantidade interminavel de ruas, egrejas e monumentos não menos interessantes, visitaremos ainda a praça do Correio, A fonte do Cholera construida em 1841-42, commemorando a preservação de Dresde da terrivel peste. Uma bem longa pyramide gothica em pedra lavrada, rodeada de estatuas de santos. Na visinhança chama a attenção a massa imponente da egreja de Santa-Sophia com as suas soberbas flechas destacando-se no azul do céu, e mais á direita uma outre fonte com um bellissimo grupo de Hohnel: *São Jorge e o Dragão*. Encerrado n'um palacio Renascença n'uma das extremidades do Mercado Novo, é o *Johaneum* o grande museo historico que encerra tantas e tantas preciosidades de inestimavel valor; as celebres armaduras dos antigos principes saxonios; as espadas de Tilly, de Carlos XII, e de Pedro o Grande; tunica de Gustavo Adolpho da Suecia furada pela bala que o matou em Lutzen; a tenda do grande vizir Kasa Mustapha tomada no cerco de Vienna; as botas de Napoleão na batalha de Dresde e os sapatos que o grande imperador trazia no dia da sua coroação. Uma importante secção consagrada ás armas de fogo, e para terminar a rapida visita, uma admiravel e rica colleção de porcellana contendo dezenove mil objectos desde os mais raros specimens da China e do Japão das Indias e da Franca até as encantadoras e frescas estatuas de Saxe sahidas da celebre e antiquissima fabrica de Meissen.

Em compensação, na Bibliotheca, possuidora de 400,000 volumes, de 2,000 impressos coevos do começo da imprensa, e de 4,000 manuscriptos, situada do outro lado do Elbe, pude, graças á amabilidade de um dos conservadores, manusear o celebre manuscripto original do *Tratado das proporções do corpo humano*, escripto por Dürer, e folhear com uma admiração sempre crescente essas paginas cheias de desenhos, d'observações minuciosas e profundas, que mostram o pachorrento estudo da natureza e a sciencia infinita que se occultavam sob o genio do grande Artista; em seguida, outros manuscriptos, que evocam n'uma visão de costumes e fatos pictorescos, a vida civil, militar e religiosa do xv e do

xvi séculos; um volume contendo 56 retratos em miniatura d'homens celebres d'aquella epoca; obras sobre os Atorneios, entre outros o do rei René d'Anjou, que pertenceu a Carlos o Temerario; o livro d'horas de Maria de Borgonha; os manuscriptos de Luthero e de Melanchthon; o *Heellenswang* ou *Livro das Conjurações de Fausto*, manuscripto do século xviii, com desenhos cabalisticos; uma *Biblia* impressa por Guttenberg em 1448, e que pretendem ser (mas a bibliotheca de Berlim tem a mesma pretensão com um exemplar que conserva) o primeiro livro impresso com caracteres moveis; etc.

O bello e vasto jardim situado atraz do palacio alegre como bulicio das suas arvores, o recolhimento d'essas salas aonde dorme a alma dos passados séculos; e dão, á sahida, o fresco contraste do ar livre, o panorama cheio de luz e de vida da cidade agrupada á beira do sinuoso Elbe.

Resta falar da praça do Mercado, com o edificio da Camara da Cidade a um angulo, — uma construcção sem caracter, — e tendo ao centro a grande estatua equestre doirada e pezadona, d'Augusto II o Forte. Mais ao longo a egreja dos Tres-Reis, com uma alta torre, da forma do Palacio-Real; enfim, na praça Alberto, duas fontes monumentaes do mesmo artista do *Voleur d'oies*; ao meio de dois vastos tanques, grupos alegoricos cheios de vida e de muita harmonia de linhas, representando, um, as *Vagas tempestuosas*, outro as *Agua serenas*; agrupadas sob o dias largas bacias d'onde a agua cae si uma toalha prateada e transparente.

\* \* \*

Depois da cidade, algumas palavras sobre os arredores. Em primeiro lugar, falar-lhes-hei d'um sitio cheio de pictoresco, a *Suissa Saxonia*, uma região accidentada, espinhada de rochedos de bizarras formas, cortada por gargantas salvagens, produzindo uma impressão impolgante, por vezes grandiosa.

A 20 kilometros de Dresde, para além de Pillnitz, residencia habitual da Côte no verão, o barco a vapor leva-nos a Wehleu, um grupo de casas construidas ao longo das margens do Elbe. Perto ha uma região que nos attrae.

Logo ao sair da aldeia, começam as gargantas, e o caminho embrenha-se por entre bosques amontanhados. Mais adiante, um grande desfiladeiro selvagem e por momentos sombrio, nas curvas, e as gargantas de Zscherre. Chega-se finalmente a um planalto repleto de pinheiros; e mais longe ainda, attinge-se a altitude de 210 metros acima do Elbe, na *Bastei* (Bastião.) É, de facto, um gigantesco e formidavel bastião!

Não se imagina um sitio mais magestuoso, e ao mesmo tempo selvagem para contrastar com as graciosas impressões que a cidade nos deu.

J. Diogo.



## a Ilustre Casa de Ramires

Continuado do n.º 22

**A**S SEIS horas battiam na Egreja de S. Christovam, quando o Cavalleiro e Gonçalo, desembocando a passo da rua Velha, penetraram no Terreiro da Louça, onde todos os Domingos, n'um coreto, tocava alternadamente a

musica do regimento e a philarmonica *Lealdade*. Como n'essa tarde começara no Convento das Trinas o bazar patrocinado pelo Bispo, as senhoras « conhecidas » rareavam nos bancos de pedra e nas cadeiras do Asylo, espalhadas por sob as acacias. As Louzadas faltavam no seu costumado pouso, superiormente escolhido para espiar todo o Terreiro, e as casas que o cercam, e a rua Velha e a rua das Vellas, e a guarita até, da sentinella junto ao Deposito, e até outro retiro pudicamente disfarçado por uma canniçada de heras. E o unico rancho conhecido, a mulher do capitão Mendonça, a Baroneza das Marges, as duas Limas, conversavam com as costas para o Terreiro, junto do parapeito que o limita, resto da antiga muralha, d'onde se dominam os campos, o pinhal da Estevinha, a cerca do Seminario Novo, e as voltas lustrosas da ribeira de Crêde. Mas entre os cavalleiros que passeavam janotando ou que gozavam pensativamente a *Marcha do Propheta*, rompeu uma emoção (apezar de todos conhecerem o encontro famoso do Governo Civil) quando os dous amigos appareceram, ambos de chapeos de palha, ambos de polainas altas, ao passo vagaroso quasi solemne das duas egoas, a de Gonçalo airosa e baia, de cauda curta á ingleza, a do Cavalleiro muito preta, de pescoço arqueado, a cauda farta rojando as lages. O Barão das Marges, o Dr. Delegado, o João Godinho, pararam n'uma fila pasmada, a que se juntou o morgado Pestana, depois o Sá Lemos, correndo, abandonando um magote de officiaes, e a garota historia que o Major Ribas

contava. O tabellião Guedes, o Guedes *pôpa*, derubou a cadeira no alvoroço com que se ergueu, indignado mas respeitoso, descobrindo a pôpa n'uma cortesia immensa. E o velho Cerqueira, o advogado, que sahia do retiro encaniçado d'hera e se abotoava, embasbacou, com os oculos na ponta do nariz erguido, os dedos esquecidos nos botões das calças. No entanto os dous amigos, a passo grave, seguiam rente da linha de casas, onde se ergue com superior magestade, de brazão d'armas na cimalha, grossas varandas de pedra bojando, o palacete de D. Arminda Villegas. Justamente, n'uma das varandas, o Barrolo e o José Mendonça fumavam, sentados em mochos de palhinha. Ao sentir o estrupido das egoas, ao enxergar o cunhado — o bom Barrolo quasi se despenhou da varanda :

— Oh Gonçalo! Oh Gonçalo!... Vaes la para casa?

E nem esperou uma certeza, berrou de novo, pendurado da grade, vermelho e bracejando, n'um enthusiasmo :

— Nós ja vamos! Jantámos cá esta tarde... A Gracinha está lá em cima, com a tia Arminda... Vamos já tambem! É um momento... Vamos já!

O Cavalleiro levantara o chapeo gravemente — com um sorriso mais intimo para o capitão Mendonça. Immediatamente, com impeto, o Barrolo, mergulhou, desapareceu atravez das cortinas de damasco amarello. E os dous amigos, deixando no Terreiro aquelle sulco de espanto, entraram na rua das Vellas, onde um policia, ao avistar S. Ex<sup>a</sup>, se perfilou com a mão no bonet — o que foi agradável ao Fidalgo da Torre.

Ao meio da rua ainda assombraram o conego Luna que passava a fresca tarde á janella, entre dous vasos de manjerições, e que acenou logo para dentro para as irmãs, logo gulosamente acavalladas sobre elle, bispando ainda as costas dos dous illustres ao dobrarem a esquina da rua das Brocas. Depois o Cavalleiro acompanhou Gonçalo ate ao Largo d'El-Rei :

— Então amanhã e apparece, Gonçalinho no Governo Civil com o Barrolo, para combinarmos sobre os votos da Murtosa... Às duas. Adeus, minha flôr... Demos um bello passeio e espantamos os ovos.

E S. Ex<sup>a</sup> envolvendo o Palacete n'um longo olhar, metteu pela rua das Pegas.

No seu quarto, sempre preparado, com a cama feita Gonçalo acabava de lavar as mãos, de se esfregar com agoa de Colonia — quando o Barrolo se precipitou, esfaldado, arquejante, soffrego, e atras d'elle Gracinha, toda affogueada tambem, desapertando nervosamente as fitas claras do chapeo. Desde a manhã em que na praça o Barrolo, « vira com aquelles seus olhos que a terra comería », o Fidalgo e o Cavalleiro na varanda do Governo Civil — fóra n'elle e em Gracinha uma impaciencia desesperada por saber os motivos, a intima historia da grande reconciliação. Depois o desaparecimento de Gonçalo, que, sem parar no Largo d'ElRei, abalára para a Torre; a brusca partida do Cavalleiro para Lisboa; o silencio que se abateu sobre aquelle caso tão escuro — quasi os aterrara. Que seria, santo Deus, que seria? O Barrolo, apesar das instancias de Gracinha, não ousára apparecer na Torre. E agora eis os dois que entravam na cidade, a cavallo, muito chegados, ambos de chapeos de palha, como companheiros constantes recolhendo d'um passeio!

Logo da porta do quarto, o Barrolo com os braços erguidos, rompeu aos brados:

— Então que tem sido tudo isto?... Não se falla n'outra coisa!... Tu com o André!...

Gracinha, córada a como um fresca cereja, arfando toda, só balbuciava:

— E nem vens, nem escreves... Nós com cuidado...

E logo alli, junto da porta, sem se sentarem, o Fidalgo contou o caso lentamente, com a toalha ainda nas mãos:

— Foi uma cousa muito inesperada, mas muito natural... O Sanches Lucena morreu, como vossês sabem. Ficou o Circulo vago por Villa-Clara. É um circulo por onde só pôde sahir um homem da terra, com propriedade, com influencia... O governo immediatamente me mandou perguntar, pelo telegrapho, se eu me queria propôr... Ora eu, no fundo, estou de bem com os Historicos sou amigo do José Ernesto... Estimava entrar na Camara... Aceitei.

O Barrolo atirou á coxa uma palmada triumphal:

— Então era certo, caramba!

O Fidalgo continuou, enxugando vagamente as mãos:

— Aceitei, está claro, com condições; e muito fortes... Mas aceitei... N'este caso como vossês sabem, convem que o candidato se entenda com o governador civil. Eu, ao principio, não queria renovar relações... Mas, instado, muito instado mesmo de Lisboa, e por considerações superiores de Politica, consenti n'esse sacrificio. Nas difficuldades em que se encontra o paiz, todos têm de fazer sacrificios. Eu fiz esse... O André, de resto, foi muito amavel, muito affectuoso. De sorte que

estamos outra vez amigos... Amigos politicos... Mas muito bem, muito rasgadamente... Almocei hoje com elle em Corinde, viemos juntos. Estava uma tarde linda! Emfim renasceu a antiga harmonia... E a eleição está segura!

— Venham de lá esses ossos! berrou o Barrolo, n'uma explosão.

Gracinha, que terminára por se sentar á borda do leito, com o chapeo no regaço, sorria em silencio, sempre vermelha, como enlevada para o irmão, em adoração. E o Fidalgo, que se desprendera do abraço do Barrolo:

— Tu tens de fallar tambem com o Cavalleiro. É necessario que vossês se entendam por causa dos votos de Murtosa...

— Prompto, menino, o que quiserem! Votos, dinheiro!...

— Desde o momento em que me reconciliei com o André, tudo acabou. Tu, Barrolo, immediatamente te reconcilias tambem...

Barrolo quasi pulou no seu deslumbramento:

— Pois está claro! Eu sempre gostei immenso do Cavalleiro. Dizia sempre á Gracinha... Oh senhores, esta tolice, por causa de Politica...

— Bem! concluiu o Fidalgo. A Politica nos separou, a Politica nos reúne... É o que se chama a inconstancia dos Tempos e dos Imperios...

E galhofeiramente, agarrou Gracinha pelos hombros, com um grande beijo estalado em cada face:

— E a tia Arminda? Boa da escaldadella? Já voltou ás falanhas de *Leandro o Bello*?

Gracinha resplandecia, com o mesmo sorriso que se não desfizera, a envolvida toda em claridade e doçura:

— A tia Arminda está melhor, já anda... Perguntou por ti... Mas, oh Gonçalo, tu has de querer jantar!

Não. Almoçára tarde em Corinde. Elles naturalmente, tendo jantado á hora antiga da tia Arminda, ás tres, ceavam. Bem, cearia... Mas agora reclamava uma chavena de chá.

Gracinha correu, no alvoroço radiante de servir o Heroe. E pelo corredor, descendo á sala com o Barrolo que o contemplava enlevado, o Fidalgo da Torre lamentava os seus sacrificios:

— É verdade, menino, é uma massada... Mas que diabo! Todos devemos concorrer para tirar o paiz do atoleiro!

O Barrolo, maravilhado, murmurava:

— E sem dizeres nada... Assim á capucha! Assim á capucha!...

— E agora outra cousa, Barrolo. Para conversarmos mais livremente, amanhã no Governo Civil, convida o André a jantar...

— Com certeza! gritou o Barrolo. Jantar d'estrondo?

— Não, homem! Jantar muito quieto, muito in-

timo. Unicamente o André e o João Gouveia. Telegraphas ao João Gouveia... Também podés convidar os Mendonças. Mas jantar muito discreto, só para conversarmos para firmar a reconciliação d'um modo sociavel e, elegante...

E ao outro dia, ás duas horas, no Governo Civil, essa outra reconciliação, do Barrolo e do Cavalleiro, consistio muito naturalmente n'um mero aperto de mão — como se ambos ainda na vespera tivessem jogado a manilha do Club da rua das Pegas. De resto conversaram summariamente sobre a Eleição. Apenas o Cavalleiro alludio com indolencia aos votos de Murtosa, o bom Barrolo quasi se engasgou, na ancia de os offerecer :

— E o que Vocês quizerem... Votos, dinheiro, o que Vocês quizerem!... Vocês digam! E vou para a Murtosa, e é comezaina, e pipa de vinho aberta, e a freguezia toda a votar, alli, em fila no meio de foguetorio...

O Cavalleiro deteve, rindo, aquelle programma fogoso :

— Nao, meu caro Barrolo, nao! Nós preparamos uma eleição muito sobria, muito socegada. Villa Clara elege Gonçalo Mendes Ramires deputado tão naturalmente como um prado produz relva!... Eleição espontanea...

O Barrolo gingava, radiante, insistindo :

— Perdão, André, perdão! La isso vinhaça, e vivorio, e foguetorio, e festança magna...

Mas Gonçalo, embaraçado, ancioso por cortar aquella garrulice do Barrolo, as palmadas carinhosas com que se installava na intimidade do Cavalleiro, apontou para o massa de Correspondencia accumulada sobre a carteira :

— Tu tens que fazer André... Vejo ahi uma papelada pavorosa... Nao roubemos mais tempo ao chefe illustre do Districto! Ao trabalho!

Trabalhar, meu irmão, que o trabalho  
É riqueza, é virtude, é valor!...

Agarrara o chapéu, acenando ao cunhado. Então o Barrolo, mais vermelho, balbuciu o convite, que firmaria a reconciliação d'um modo sociavel e elegante :

— Cavalleiro, para conversarmos melhor... Se você nos quizer dar o gosto de vir jantar... Quinta feira... As seis e meia. Nós, quando cá está o Gonçalo, jantamos sempre mais tarde...

O Cavalleiro, que tambem corara, agradeceu curvado, com uma cerimonia affectuosa :

— É para mim, um grande prazer, uma grande honra...

E á porta da antecâmara onde os acompanhou, segurando o pesado reposteiro de baeta escarlata com as Armas Reaes, supplicou ao Barrolo que pozesse os seus respeitos aos pés da Snr. D. Graça...

Na escadaria de pedra, o Barrolo, limpando a

testa e o pescoco, humedecidos pela emoção, desabafou :

— É muito sympathico este André! Rapaz franco, de quem sempre gostei... Realmente estava morto que acabassem estas historias... E mesmo lá para casa, para a companhia, para o cavaco, que bella aquisição!

O João Gouveia telegraphara de manhã com profusas desculpas de não apparecer « na festa » — porque na vespera, ao sahir da Assembleia, se lhe enflammara a garganta. D. Arminda Villegas (que Gonçalo tanto desejara secretamente, para que a nobre sombra da sua respeitabilidade se espalhase sobre aquella reconciliação) ainda se não podia calçar. E a unica senhora ao jantar foi a mulher do capitão Mendonça, D. Maria Severim, uma senhora muito alta, muito magra, de cabellos muito riçados, de olhos muito espertos. Filha do velho D. Antonio, senhor (e agora visconde) dos Paços de Severim — presumia soberanamente de fidalguia, e de parentescos fidalgos. Mas mantinha amidades muito risonhas com as brasileiras ricas d'Oliveira, sobretudo com a viuva Pinho, dona da loja de pannos, que (segundo se murmurava) lhe fornecia os dous filhos, de calcinhas e de jalecas.

Na mesa, apesar de jantar tão intimo resplandecia a baixella rica do Tio Melchior. E, lembrando as rosas esplendidas de Corinde, Gonçalo aconselhara que se prodigalisassem, em jarras da India, ramos espessos de cravos, cravos brancos e cravos vermelhos, côres heraldicas dos Ramires. Nem elle porem, nem o Barrolo, vestiram casaca « para accentuar a intimidade ». E Gracinha, sem joias, pozera um vestido muito simples, crepon de branco, que remoçava mais a sua graça e frescura quasi virginal.

Desde a vespera ella apparentara por aquelle jantar tanto desinteresse, atravez de tanta inquietação que Gonçalo percebeu quanto a presença do André, do antigo André na sua casa, ao lado de seu marido, a emocionava, a transtornava... Receou mesmo que, por uma exaggeração de pudor ou cautella, ella accolhesse com silenciosa secura o Cavalleiro, o esfriasse no seu renovado entusiasmo pela casa de Ramires e no seu zelo pela segurança da Eleição.

Mas n'essa manhã, passeando no jardim com ella e com Barrolo, que se desolava de não ter em Oliveira para o « brinde » certo vinho do Porto da garrafeira da mamã em Amarante, um vinho illustre de 1797 — Gonçalo lembrou indolentemente, a cheirar uma rosa : « O André antigamente tambem gostava muito de ovos queimados... E ainda n'outro dia ao almoço, em Corinde, tivemos ovos queimados... Devia haver ovos queimados. E á tarde, quando occupou á mesa o seu logar, ao

lado de D. Maria Mendonça, notou logo, entre duas compoteiras de crystal dourado, uma travessa rica d'ovos queimados.

D. Maria Mendonça, que o não encontrara desde os annos de Gracinha, murmurou com uma cortesia risonha e grave, no silencio embaraçado que pesava, atravez do desdobrar dos guardanapos :

— Ainda lhe não dei os parabens, primo Gonçalo.

Mas elle logo, remechendo nervosamente o talher :

— Hein? Não é verdade?... Eu, para mim, prefiro este vinho do Corvello a todos os vinhos francezes, os mais finos... Até alli o nosso amigo Padre Sueiro o apprecia!

Silencioso, quasi encolhido por traz d'um grande ramo de cravos, Padre Sueiro corou, sorriu :

— Com muita agoa... O gosto pede, mais o reumathismo não consente...

Pois o José Mendonça, que não temia reumathismos, atacava sempre, e bravamente, aquelle bemdito Corvello... E elle que, graças a Deus, entendia de vinhos, e conhecia todos os vinhos de Portugal, nunca encontrara, em vinho branco, nenhum superior áquelle vinho do Corvello, pela frescura, pela seiva... O desgosto do Barrolo era que Gonçalo nunca honrasse « aquelle nectar ». Mas Gonçalo não tolerava vinhos brancos...

— E então hoje estou com uma d'estas sedes que só me satizfaz vinho verde, e assim um pouco espumante, e com gelo... Que este tambem é do Barrolo. Oh, eu não desprezo os vinhos da familia!... E este sinceramente o considero sublime!

Então Cavalleiro tambem desejou provar esse sublime vinho verde do Barrolo, da sua quinta de Vidainhos, em Amarante. O escudeiro, a uma ordem enthusiasmada do Barrolo, appresentou a Sua Ex.<sup>a</sup> um copo esguio e alto, especial para aquelle vinho que espumava. Mas o Cavalleiro, acariciando o fresco copo sem o erguer, voltou á sua idea de ferias, de viagens, como marcando e accentuando um completo desinteresse por Oliveira. — E sabia a Sra. D. Graça para onde elle seguiria, depois da Italia, n'esse inverno, se por mercê de Deus, o Ministerio cahisse? Para a Asia Menor.

— E era uma viagem para que eu com certesa tentava o nosso Gonçalo... Tão facil agora, com os caminhos de ferro... De Veneza a Constantinopla um mero passeio. Depois, de Constantinopla a Smyrna, são horas n'um excellente vapor. Smyrna, hein?... E d'ahi, n'uma bôa caravana, por Tripoli, pela antiga Sidonia, penetravamos em Galilea... Galilea! Hein?... Que belleza!

Padre Sueiro, suspendendo o garfo, lembrou timidamente que em Galilea o Snr. Gonçalo Ramires, pisaria terra que outrora estivera para ser sua...

— Um dos antepassados de V. Ex.<sup>a</sup>, Gutierrez

Ramires, companheiro de Tancredo na primeira Cruzada, recuzou o ducado de Galilea e de Alem-Jordão...

— Fez pessimamente! exclamou Gonçalo rindo. Oh, esse avô Gutierrez andou pessimamente! Por que não haveria cousa mais divertida n'este mundo do que eu, Duque de Galilea! O Snr. Gonçalo Mendes Ramires Duque de Galilea e d'Alem-Jordão!... Era simplesmente de rebentar!

Cavalleiro protestou, com sympathia :

— Ora essa? Por que!

— Não acredite! acudio, com os olhos coruscantes, D. Maria Mendonça. O primo Gonçalo, com todas estas cousas, no fundo, é muitissimo aristocrata!... Mas terrivelmente aristocrata!

O Fidalgo da Torre pousou o copo do verde de Vidainhos, depois d'um trago saboreado. E muito serio :

— Aristocrata... Esta claro que sou aristocrata! Teria immenso desgosto em ser eu uma excepção vergonhosa no genero humano, e não ter nascido de ninguem. Gosto de saber que nasci de meu pae Vicente, que nasceu de seu pae Damião, e assim sempre para traz, até não sei que Rei Suevo...

Respeitosamente Padre Sueiro informou :

— Recesvinto!

— Pois até esse Recesvinto! O peor é que depois para traz, até Adão, não tenho mais paes!

E, em quanto todos riam, D. Maria Mendonça, debruçada para elle, por traz do leque largamente aberto, murmurou :

— O Primo está com todos esses desprezos... Pois eu sei d'uma senhora que tem a maior admiração pela casa de Ramires, e pelo representante...

Gonçalo enchia lentamente o copo :

— Bravo! Mas « convem distinguir », como diz o Manoel Duarte. Por quem tem ella a verdadeira admiração, por mim, ou pelo Suevo, pelo Recesvinto?

— Por ambos.

— Diabo!

Depois, pousando a garrafa, mais serio :

— Quem é?

Oh! ella não podia dizer... Não era ainda bastante velha para andar com recadinhos de sentimento. Mas Gonçalo dispensava o nome — só queria as qualidades. Nova? Bonita?

— Bonita? exclamou D. Maria. É uma das mulheres mais formosas de Portugal!

Espantado, Gonçalo lançou o nome :

— A D. Anna Lucena!

— Por quê?

— Por que mulher assim tão formosa, e vivendo n'estes sitios, e tão conhecida da prima que lhe faz confidencias, só a D. Anna.

D. Maria, ageitando duas rosas que lhe ornavam o corpete de seda preta, sorria :

— Talvez seja, talvez seja...

— Pois estou immensamente lisongeadado. Mas ainda distingo, como o Manoel Duarte. Se, da parte d'ella, essa sympathia toda é para o bom fim, não! Não, santo Deus, não! Mas se é para o mau fim, então, prima, cumprirei honradamente o meu dever, dentro das minhas forças...

D. Maria escondeu a face no leque, escandalizada. Depois, espreitando, com os espertos olhos rutilantes :

— Oh primo, mas o bom fim é que convinha, por que a cousa é a mesma, e são duzentos contos a mais!

Gonçalo gritou d'admiração :

— Oh! esta prima Maria! Não ha em toda a Europa ninguem mais esperto!

Todos curiosamente anciaram por saber a nova graça da Sra. D. Maria. Mas Gonçalo, gravemente, ergueu a mão, deteve as curiosidades :

— Não se pode dizer. É casamento.

E José Mendonça accudio :

— É verdade! E por casamento!... Que me dizem ao casamento da D. Rosa Alcoforado?

Todos o declararam « um horror ». Aquella linda rapariga de vinte e quatro annos, de pelle tão côr de rosa, de cabello tão côr d'ouro, casada com o Teixeira de Carredes, um patriarcha, carregado de netos... Mas ao Cavalleiro o casamento não apparecia assim tão desigual. O Teixeira de Carredes, alem de muito fino, muito engraçado, era um velho verdejante, quasi sem rugas, e até bonito com aquelle contraste pittoresco do bigode escuro e da grenha toda riçada e branca. a D. Rosa com todas as rosas da pelle e todo o ouro dos cabellos, tinha « um não sei quê » de amarfanhado, de mellado... Depois pouco esperta. E muito pouco cuidadosa da sua pessoa.

— Emfim V. Ex<sup>as</sup> perdoem... Mas quem faz um casamento muito desenxabido é o pobre Teixeira de Carredes.

D. Maria Mendonça considerava o Governador Civil com affectuoso espanto :

— Pois se o Snr. Cavalleiro não admira a Rosinha Alcoforado, não sei então que rapariga admire dentro do seu districto.

Elle exclamou, com galante sinceridade :

— Mas, alem de Vossas Excellencias, não admiro ninguem! Realmente eu governo, em Portugal, o Districto mais desprovido de belleza...

Todos protestaram. E a Maria Marges? E a pequena Reriz, uma Madona? E a Paula Lemos, com aquelle corpo, aquelles olhos?... Mas o Cavalleiro não consentia, a todas demolia com um sarcasmo leve, ou pela má pelle, ou pela pouca frescura, ou pela deselegancia provinciana, ou pela abundancia de formas, sempre pela carencia das bellezas e graças que ornavam Gracinha — lançando assim disfarçadamente, aos pés de Gracinha, um montão de senhoras humilhadas e vencidas.

Ella vagamente percebera a subtil adulação, os seus olhos allumiavão, com um brilho mais enternecido, a branca porcelana do seu oval tão fino. E desejou ser generosa, compartilhar o incenso que a envolvia. Foi ella que lembrou outra belleza, como a mais incontestada :

— E a Luizinha Pinto? É a rapariga mais bonita d'Oliveira...

Immediatamente o Cavalleiro triumphou :

— Mas os dentes tortos, Sra. D. Graça! Os dentes acavallados! E, alem dos dentes, o irmão, o Evaristo, com aquella cara mais chata que a alma, e a caspa, e a porcaria, e o jacobinismo... Não ha mulher bonita com irmão tão feio!

Mendonça erguera o braço, com uma brusca curiosidade :

— E é verdade! Outra coisa!... O Evaristo sempre funda o novo jornal republicano, o *Rebate*?

O Governador Civil encolheu os hombros, com uma ignorancia superior e risonha. E o espanto de Gonçalo era como o Republicanismo alastrara em Portugal — até na dormente e devota Oliveira.

— Quando eu andava em preparatorios existiam só dois republicanos em Oliveira, o velho Salema, lente de Rethorica, e eu. Agora ha partido, ha comité, ha dous jornaes... E ha mesmo o Barão das Marges com a *Voz Publica* na mão, debaixo da Arcada.

O Mendonça não receava a Republica, gracejava :

— Ainda vem longe, muito longe... Ainda nos dá tempo de comermos estes bellos ovos queimados.

— Deliciosos, murmurou o Cavalleiro.

— Sim, concordou Gonçalo, ainda temos tempo para os ovos... Mas que rebente uma revolução em Hespanha, ou que morra o Rezinho, que naturalmente morre...

— Credo! Coitadinho! Pobre mãe! exclamava Gracinha enternecida.

Mas immediatamente o Cavalleiro a tranquilisou. Porque, morrer o rezinho? Os republicanos espalhavam boatos absurdos sobre os males da pobre creança, agua na cabeça, tuberculose... Mas elle sabia a verdade, sobre o rezinho. E podia afiançar á Snr.<sup>a</sup> D. Graça que era delicado — mas vivedouro. Felizmente para a Hespanha ainda reinaria um Affonso XIII — e mesmo um Affonso XIV. Em quanto aos nossos republicanos, esses... Meu Deus! uma mera questão de guarda municipal! Portugal, nas suas massas profundas, permanecia monarchico, de raiz. Apenas ao de cima, na burguezia e nas escolas, fluctuava, uma escuma ligeira, e bastante suja, que se limpava facilmente, facilmente, com um sabre...

— V. Exc.<sup>a</sup>, Snr.<sup>a</sup> D. Graça, que é uma dona de casa perfeita, conhece esta operação que se faz á

panella do caldo... Escumar a panella. É com uma colher. Aqui é com um sabre. Pois assim, com toda a simplicidade, se clarifica Portugal. E foi isto que ainda ultimamente eu declarei a El-rei.

Lançára a cabeça para traz — o seu peitilho resplandecia, mais largo, como couraça bastante rija para defender toda a Monarchia.

E no silencio que se cavara o Fidalgo da Torre ergueu o copo muito serio, quasi official :

— André, á tua saude. Não é ao governador civil, é ao velho amigo !

Todos os copos se ergueram n'um rumor de sympathia. S. Exc.<sup>a</sup> apenas tocou de leve no calice de Gracinha, cujos olhos se humedeciam. Padre Sueiro murmurava as « graças ». E Barrolo pouzando o guardanapo :

— Café aqui, ou na sala?... Na sala, está mais fresca!

Todas as janellas da sala grande se conservavam abertas : e em baixo, no Largo, alguns sujeitos, mesmo duas senhoras de manta de lá branca pela cabeça, pasmavam para a claridade de festa que sahia do Palacete, para o scintillar dos crystaes no lustre acceso. O Cavalleiro e Gonçalo, acenderam os charutos na varanda, respirando a noite e a frescura. E o Cavalleiro, com beatitude :

— Pois sempre te digo, Gonçalo, que se janta sublimemente em casa do teu cunhado.

Gonçalo desejou que, no domingo, elle jantasse na Torre. Ainda lhe restavam umas garrafas de Madeira do tempo do avô Damião, a que n'essa tarde se daria, com socorro do Gouveia et do Titó, um assalto heroico.

O Cavalleiro prometteu, com prazer, tomando da immensa bandeija de prata, que o escudeiro apresentava, a sua chavena de café.

— E tu, com effeito, agora não deves arredar da Torre. O teu papel é todo de presença, na localidade, como candidato. És o Fidalgo da Torre, que estás no meio das tuas terras, por onde vaes ser eleito para as Côrtes. É o teu papel...

O Barrolo surdiu entre os dous amigos, que abraçou ternamente pela cinta :

— E nós cá ficamos, a trabalhar, o Cavalleiro e eu!

Mas D, Maria, enterrada no grande camapé azul, reclamou Gonçalo « para tratarem negocios... » E Gracinha, com o Mendonça, remexia as musicas espalhadas sobre a tampa do piano, procurando o *Fado dos Ramires*. O Mendonça compozera valsas — e mesmo o primeiro acto d'uma opera, *Manfredo*. E como não encontravam o *Fado*, com as quadras do Videirinha foi, justamente uma das suas valsas, a *Perola*, d'uma cadencia amorosa e cançada, lembrando a valsa do Fausto, que elle atacou, sem largar o charuto.

Então o Cavalleiro, que repenetrara lentamente na sala, repuxou collete, acariciou o bigode, e avançando para Gracinha, com um modo meio grave, meio brincalhão :

— Se V. Exc.<sup>a</sup> me quer dar a grande honra?...

Estendia, abria os braços. E Gracinha toda esgarate cedeu, levada logo nos largos passos deslisados que o Cavalleiro lançou sobre o tapete. Então, Gonçalo e Barrolo correram a arredar as poltronas, clareando um espaço, onde a valsa se desenrolou com o lento sulco branco do vestido de Gracinha. Pequeninina e leve, toda ella se perdia, como se fundia na força masculina do Cavalleiro, que a arrebatava em giros serenos, com a face pendida, respirando os seus cabellos magnificos.

Attenta, da borda do camapé, com os espertos olhos a fusilar, D. Maria Mendonça exclamou :

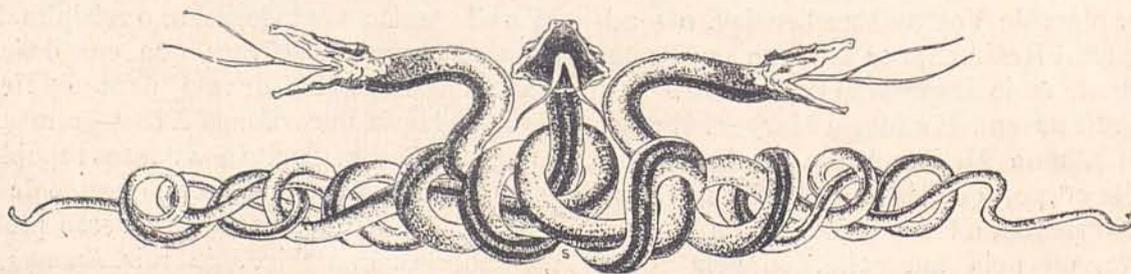
— Mas que bem que valsa, que bem que valsa o Snr. Governador Civil!...

Elles torneavam, enlaçados. Dos labios do Cavalleiro escorregava um sorriso, um murmurio. Gracinha arfava, os seus pésinhos calçados de verniz rebrilhavam sob a saia que se enrolava e battia nas calças largas do Cavalleiro. E o Barrolo, em extasis, quando elles o roçavam, atirava palmas discretas, murmurava :

— Bravo! Bravo! Lindamente!... Bravo!

(Continua.)

EÇA DE QUEIROZ.



# SPORT

## AS REGATAS DE KIEL E AS FESTAS DE BADEN

(DO NOSSO CORRESPONDENTE)

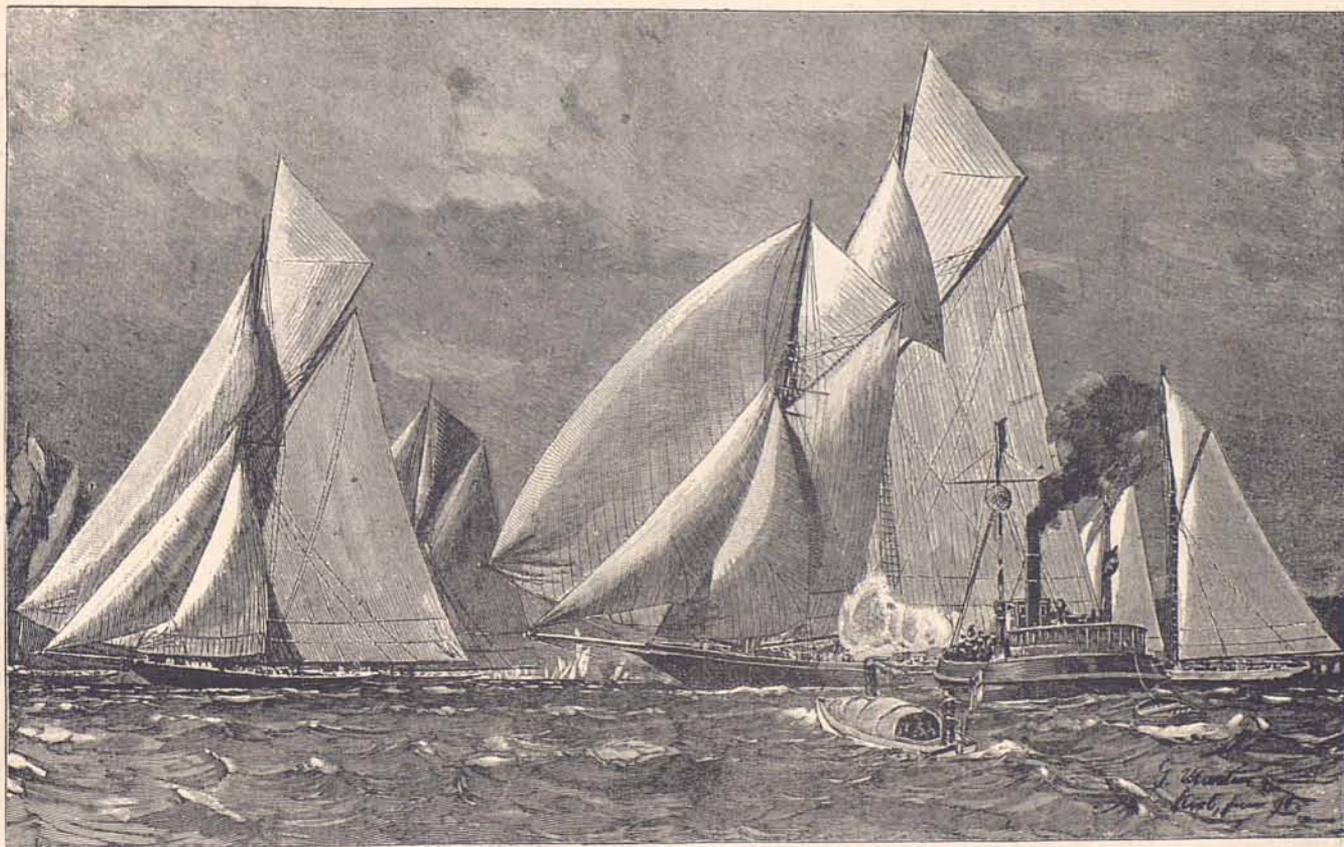
SEGUNDANDO a vontade imperial que insiste em dotar a nação com uma marinha de primeira ordem, o sport naval na Allemanha desenvolve-se constantemente pela organização dos multiplos centros e associações de *Yatching-Clubs* que prosperam nos grandes portos do imperio. Procurando rivalisar com as celebres festas navaes de Cõwnes, na ilha de Wight, tão querida dos ingleses e patrocinadas com especial amor pela familia real e pelo principe de Galles, que annualmente n'ellas toma parte; a importante cidade maritima de Kiel com a sua vasta e magnifica enseada organisa todos os annos regatas internacionaes cujo successo é justificado pelo numero de concurrentes que mesmo da America do Norte, vêm disputar os seus tentadores premios.

A uma meia hora de Kiel, na embocadura do Elbe está situada a pequena aldeia de Wik ponto de partida do grande canal do Imperador Guilherme, iniciado, em 1887 e finalizado, em 1895; epocha em que foi solemnemente inaugurado em presença de uma poderosa esquadra composta de navios de todas as nações. Esse colossal trabalho custou ao orçamento da marinha allemã a respeitavel somma de 180 milhões de marcos, necessitando ainda para a sua completa dragagem de mais um supplemento de 50 milhões. Unindo o mar de Norte ao mar Baltico é todo elle illuminado a luz electrica e os grandes paquetes fazem a sua travessia em dez horas de marcha evitando assim a longa e perigosa viagem costeira.

\* \* \*

Foi n'essa magnifica bahia de Kiel, que o Imperador Guilherme II a bordo do crusador encouraçado *Hohenzollern* presidio, em meio de uma grande pompa, a grande festa nautica. Uma esquadilha de navios de guerra estacionava á direita do *Yacht Imperial* e á esquerda fundeados em longa fila os transatlanticos do *Loyal de Bre-*

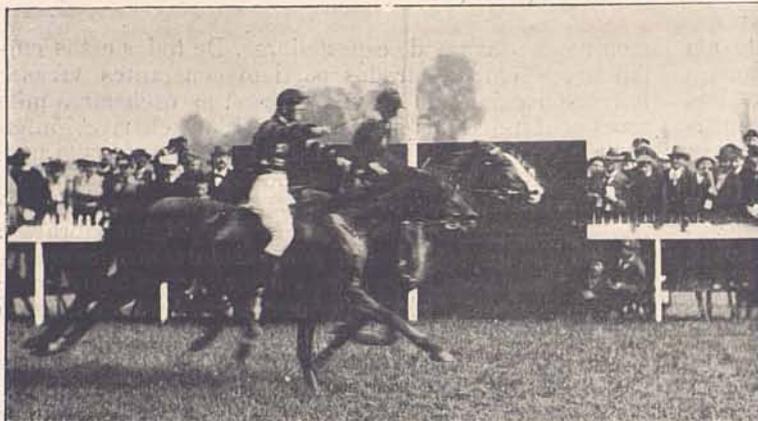
men regorgitavam de espectadores. De todas essas embarcações embandeiradas partiam constantes vivas e hurrhas aclamando os vencedores; as orquestras militares confundiam as suas marchas n'um charivari infernal e os canhões do forte d'Elbe retumbavam com uma salva de 21 tiros após cada corrida. Os *Yachts* dos clubs Ingleses, Italianos, Francezes, Americanos, Russos e Austriacos em numero superior a cem manobravam constantemente, á direita, por traz do *Hohenzollern*. A festa consistia em 12 corridas entre as quaes a do grande premio do *Yacht Club Imperial* que era o acontecimento do dia. Por falta de espaço limitamos a nossa descripção a essa tão interessante lucta na qual tomaram parte as mais bellas construcções do *yatching* moderno. *Rainbow*, *Charmian*, *Latona*, e o elegante *schöuner* da imperatriz da Allemanha *Iduna*, com a sua vela latina bem longa e ponteaguda e a sua tripulação de jovens e nobres aspirantes de marinha, não inspirava bastante confiança deante da soberba disposição do contendor inglez *Meteoro* grande favorito. A partida é dada pelo proprio Imperador que dispara o tiro regulamentar e o grupo dos cinco corredores, velas enfunadas e manobrando com intelligencia parte a todo o vento. Dois minutos apoz a partida, um pequeno abalroamento sem maior consequencia se produz entre a *Iduna* e *Latona*, e n'esse momento *Meteoro* começa a destacar-se do grupo luctando prõa a prõa contra *Rainbow*. Uma rude batalha trava-se durante toda a corrida entre esses dois soberbos veleiros que navegam sempre, já bem longe dos tres restantes que formam um grupo quasi equal; e, no fim d'essa bella lucta, a victoria cabe finalmente a *Meteoro* que é acompanhado por « *Rainbow* » a uma distancia de dez metros! Os retardatarios chegam bem mais tarde sendo *Latona* terceiro, *Iduna* quarto e fechando a linha n'uma triste bagagem, *Charmiau* com a pequena vela de pópa rasgada de alto a baixo.



Regatas de Kiel. — «Meteoro» vencendo «Rainbow».

## AS FESTAS DE BADEN

As corridas de Baden este anno tomaram um caracter mais grandioso e festivo em virtude da solemni-zação do quinquagessimo anniversario do Jockey-Club, a



As corridas de Baden. — A chegada.

mais antiga e elegante sociedade sportiva desse paiz, que tem a sua sede nessa cidade sob o nome de Club-Internacional. Foi ella a iniciadora d'estas grandes corridas e a creadora e proprietaria do hippodromo de Iffzhem. Juntamente com o Union-Club de Berlim, foram ellas tambem as primeiras a organizar na Allemanha as primeiras caudelarias de animaes de corridas. Para disputar o Grande-Premio, de cem mil marcos e ainda mais uma rica baixella em ouro no valor de cincoenta mil marcos, offerecida pelo Club-Internacional e ainda mais uma valiosa peça artistica offerecida pelo Grã-Duque, estavam inscriptos quatorze animaes. Por motivos que ignoramos sómente cinco se apresentaram, na ordem seguinte *Slusohr* producto allemão, pertencente ao conhecido sportman Mr. Wendhofs de Berlim; *Nicossia* poldra allemã vinda dos harras do principe de Furstemberg « *Maikonig* » austriaco, propriedade do Snr. Viener e Velter de Vienna *Geranium* das caudelarias do Snr. V. Mays de Francfort e *Habenichts* propriedade das caudelarias reaes da Prussia.

O grande favorito era *Geranium* mas desde a primeira volta da sahida desgarrou de alguns metros perdendo



Batalha de Flores em Baden. — 1.º Premio: Victoria da Baroneza de Talky.

assim a deanteira em favor de *Maikonig* que a guardou durante dois terços da corrida cedendo-a finalmente depois de um corpo renhido a *Nicossia* que a cincoenta metros do poste do vencedor, deixa entrar *Ilusohr* que sob um chicote tremendo, alcança a victoria por uma cabeça, tal qual representa o instantaneo photographico que junto damos e que é de uma realidade admiravel. *Maikonig* em terceiro seguida pelo favori-

to *Geranium* e fechando a fila « *Habenichts* que bem mal representou as caudelarias do rei da Prussia.

O heroe do dia o Snr. Whendhofs foi festejado e aclamado pela sua victoria sendo especialmente comprimentado pelo Grã-Duque de Baden que com luxuosa pompa e comitiva presidia a festa.

Independente das corridas, todo um vasto programma de diversões, desenvolve-se durante a semana hypica; curso de velocipedes, fogos de artificio monumentaes; bailes nos bellos salões da *conversation* e uma grande batalha de flôres que se não é tão concorrida em carros como as de Nice e Monté-Carlo, seguramente o numero das equipagens é bem mais escolhido e a ornamentação das mesmas é mais completa.

O Principe Alberto de Saxe Weimar rodeado de um estado maior de officiaes fasia a distribuição dos diversos premios, cabendo o premio de honra offerecido pelo Grã-Duque, á bellissima victoria da Baronesa de Talky, cuja photographia reproduzimos. Causou um grande successo, e foi objecto de muitos commentarios a jovem Princesa de Hoenlloe, vestida a japonesa e



Iusohr. — Vencedor do grande Premio de Baden.

elegantemente recostada n'um pequeno carro todo florido, tambem japonéz, puxado pelo Conde de Hern que transformado em filho do mikado, marchou conscienciosamente durante duas horas, passeando orgulhosamente a sua bella *Chrisanteme*.

O Imperador que achava-se em Maynz, a 4 horas de Baden não quiz vir honrar as festas com a sua presença e depois da sua elevação ao throno nunca dispensou a menor visita a esta bella cidade da Floresta-Negra. Contam as chronicas que, quando menino, em companhia do seu irmão o principe Henrique da Prussia aconteceu-lhe um accidente de caça em uma das ferias que aqui passava com o seu avô Guilherme I que muito apreciava a villegiatura de Baden. Partindo os dois principes a uma caçada de raposas nas montanhas de Erbenstein voltaram muito desapontados uma hora depois, declarando o principe Guilherme ao velho Imperador que manejando a sua carabina um tiro casual partira, indo atravessar o braço direito do picador, encarregado de os acompanhar, Guilherme I desgostoso, d'esse accidente motivado por uma creançada, reprehendeu-o severamente, enviando-o pelo primeiro trem a Berlim a continuar os seus estudos mesmo durante as ferias.

É esse, segundo a narração de um velho habitante do logar, o motivo pelo qual, Guilherme II, o monarcha que mais viaja, ainda não visitou Baden-Baden depois da sua coroação.

THEODORO DE WILLY.



# MATHIEU-DEROCHE

39, Boulevard des Capucines, 39 — PARIS

ASCENSEUR

TÉLÉPHONE

Reproduções de retratos, obtidas pela photographia, em miniaturas sobre marfim e sobre **esmaltes inalteraveis** vitrificados como as porcelanas de Sèvres, conservando-se em todos os climas resistindo ao calor, á luz e á humidade.

Casa fundada em 1866. — Medalhas de ouro nas exposições universaes de Pariz 1878, 1889.

Membro do Jury 1893. — Membro dos Comités d'admissão da Exposição de 1900.

ENVIA-SE GRATUITAMENTE O CATALOGO DETALHADO

Procurem em todos os Ferragistas e Bazares

## O INCOMPARAVEL SABONETE MONKEY BRAND

*Sem Rival para limpar toda a especie de metal*



*Renova completamente dando o lustro primitivo*

## O SABONETE MONKEY BRAND FABRICADO POR BROOKE'S

é empregado nas melhores casas da EUROPA e AMERICA

38, Rue du Quai  
ANTUERPIA

**MABY & C<sup>o</sup>**  
Sucessores de RENIER freres

38, Rue du Quai  
ANTUERPIA

Grande sortimento de artigos em couro de proveniencia belga e ingleza. — Especialidade em toda a sorte de artigos para a montaria.

*Sellas RENIER, premiadas em diversas Exposições*

Um completo sortimento de capas e polainas de borracha.

Sellas mexicanas e mantas de couro pelludo. — Expedição constante para as duas Americas.

ANTUERPIA  
38, Rue du Quai

**MABY & C<sup>o</sup>**

ANTUERPIA  
38, Rue du Quai



**J. COSTA & C<sup>o</sup>**  
**BOOT-MAKERS · BOTTIERS · ZAPATEROS**  
 277, RUE SAINT HONORÉ, 277  
 ( PRÈS DE LA RUE ROYALE )  
**PARIS** TÉLÉPHONE

### ESPINGARDAS DE CAÇA

Carabinas de Escola. Revolvers de 1<sup>a</sup> qualidade

## A. GUINARD

FORNECEDOR DE S. M. EL-REI DE PORTUGAL

PARIZ — 8, Avenue de l'Opéra — PARIZ

Envia-se o Catalogo especial contendo todas as novidades a quem mandar 3 sellos de 25 centimos.



Marca da Fabrica  
da casa Guinard



**OS MAIS SOLIDOS**

**OS MAIS LEVES**

**OS MAIS RAPIDOS**

**OS MAIS BARATOS**

Agencia Geral : 30, Cordeny-Street, Londres.

## ENXAQUECAS E NEURALGIAS

Uma só dose de **Cerebrine**, elixir agradável, inofensivo. Quando se toma em qualquer momento de um accesso de Enxaqueca ou de Neuralgia faz desaparecer a dôr em menos de dez minutos sem nunca causar inconvenientes — o que tanto o medico como o doente podem verificar immediatamente.

A **Cerebrine** actua maravilhosamente contra o *tico doloroso da cara*, as *neuralgias faciaes, intercostaes, reumaticas, sciaticas e vesicaes*, contra o *zona (cobreiro)*, a *vertigem estomacal*, o *lumbago*, a extenuação resultante da fadiga, do *trabalho á sobreposse* ou de um *resfriamento* e particularmente contra as *colicas periodicas das senhoras*.

O preço em França, é de 5 fr. o Frasco. Depósitos nas principaes cidades de Portugal e Brazil.

Pode-se obter a **Cerebrine** por intermedio de todos os pharmaceuticos no Brazil e em Portugal e em Pariz na *Pharmacie du Printemps*, 114, rua de Provence, Pariz.

## MUSICA PARA PIANO

NOVIDADES DE MAIOR SUCESSO

	Liq.
CLÉRICE (J.). <i>Ségovie</i> , Dansa hespanhola . . . . .	1 70
CAMILLE ERLANGER, <i>Serenata carnavalesca</i> . . . . .	2
GALLÉOTTI (C.). <i>Valsa melancolica</i> . . . . .	1 70
GUIRAUD e SAINT-SAENS. <i>FREDEGONDE</i> , Aria do bailado n <sup>o</sup> 1. . . . .	1
HAAKMAN (G.). <i>Pendant le bal</i> , Intermezzo-valsas. . . . .	1 70
LACOME (P.). <i>Berceuse</i> . . . . .	1 35
MARÉCHAL (H.). <i>Desdemona adormecida</i> . . . . .	1 35
MULDER (J.). <i>Napolitano</i> , Tarantella . . . . .	1 70
PESSARD (E.). <i>Les Guêpes</i> , Aria do bailado . . . . .	2
— <i>La Tzigane</i> , Mazurka . . . . .	2
PFEIFFER (G.). <i>Chœur des fileuses de KERMARIA</i> . . . . .	1 70
— <i>Musette et biniou</i> . . . . .	1 35
SALVAYRE (G.). <i>Albanaise</i> , Dansa . . . . .	2
SOMA (J.-B.). <i>La Fiesta de los niños</i> , Bolero . . . . .	1 35
WITTMANN (G.). <i>Marche du Figaro</i> . . . . .	1 70

O catalogo é enviado FRANCO DE PORTE

Pariz. PAUL DUPONT, Editor, 4, rue du Bouloi.

### EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIZ :

1878. MEDALHA DE OURO | 1889. FORA DE CONCURSO  
 A MAIS ALTA RECOMPENSA DADA AOS ADUBOS | MEMBRO DO JURY DE RECOMPENSAS

## SOCIEDADE ANONYMA

DE

## PRODUCTOS CHIMICOS AGRICOLAS

Séde social em BORDEAUX

H. JOULIE, A. e J. LAGACHE, administradores

### ADUBOS ESPECIAES (Formulas JOULIE)

Para cafézeiro, despeza por pé : 0 fr. 12 a 0,20, mais ou menos.  
 — cacaoeiro, id. 0 fr. 60 a 0,70, id.  
 — canna de assucar, despeza por geira ou 1/5 de hectare, de 50 a 55 francos.

Venda sobre titulos garantidos

INFORMAÇÕES, ANALYSES — LABORATORIOS DE CHIMICA AGRONOMICA EM PARIZ e EM BORDEAUX

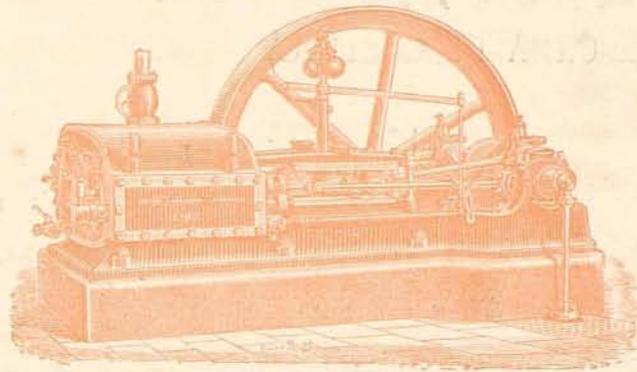
Dirigir-se aos Administradores da Sociedade :

**30, rua des Allamandiers (BORDEAUX).**  
**15, rua des Petits-Hôtels (PARIZ).**

# COMPANHIA MECHANICA E IMPORTADORA DE SÃO PAULO

Capital realizado : 5.000:000\$000  
Fundos de reserva : 1.036:653\$758

Fabrica e vende as melhores machinas para a lavoura, artes e industrias, para o que tem grandes officinas nas ruas do Triumpho e Monsenhor Andrade.



FABRICAÇÃO EXCLUSIVA DAS SEGUINTE  
MACHINAS PRIVILEGIADAS :

Secador de café : AUGUSTO RAMOS.  
Descascador de café : EUGELBERG SIBILIANO.  
Despolpador de café : MECANICA  
Separador de arma : AVIGNON.  
Catador de café : MANFREDI.  
Batedor mechanico para refinação de assucar : HENZI.

Tem sempre em deposito ferro em barra e em chapas; telhas de zinco, arame farpado e liso, phosphato de cal, cimento, tubos pretos e galvanizados, emfim todos os artigos concernentes a este ramo.

Agentes dos afamados fabricantes de vapores **ROBEY et C<sup>o</sup> L<sup>a</sup>**, **RICHARD HONRSBY et SONS L<sup>a</sup>** (Inglaterra)

AGENTES DE OUTRAS FABRICAS DA EUROPA E ESTADOS UNIDOS

Escriptorio em Londres : 67, Queen Victoria Street, E. C.

Escriptorio Central : Rua 15 de Novembro, n<sup>o</sup> 36

**SÃO PAULO**

## CAVALLOS E CARROS DE LUXO

TELEPHONE  
N<sup>o</sup> 51355

# DEMARS

TELEPHONE  
N<sup>o</sup> 51355

27, Rua Cardinet, 27

**PARIS**

Recebe-se animaes  
em pensão



27, Rua Cardinet, 27

**PARIS**

Recebe-se animaes  
em pensão

**EQUIPAGENS DE LUXO PARA PASSEIOS E SOIRÉES**

*Alugéis de carros particulares por dia e por mez*

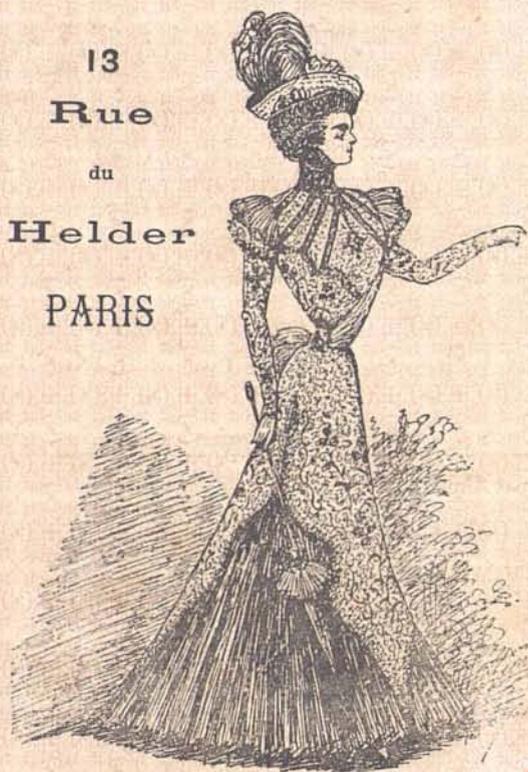
**SERVIÇO E MATERIAL DE PRIMEIRA ORDEM — PREÇOS MODERADOS**

# Vestidos e Enxovaes

Sylvie e Jeanne BOUÉ

GRANDE CASA DE COSTURA

13  
Rue  
du  
Helder  
PARIS



13  
Rue  
du  
Helder  
PARIS

Creadora, *breveté*, dos  
bellissimos vestidos com  
flores pintadas; o maior  
sucesso das toilettes no  
Grande Prix de 1898



Sylvie e Jeanne BOUÉ

## VESTIDOS

de lã forrados  
de seda para passeios  
e visitas por preços  
moderados

## Pelerines e Collets

simples et luxuosos

## Toilettes para Bailes e Recepções

de uma elegancia  
completa e acabadas com todo o esmero

Contramestra inexcédível  
sahindo de uma das principaes casas da Rue de la Paix.  
Bellos salões de exposição e para provar.

## MODELOS INEDITOS

Sylvie e Jeanne BOUÉ

GRANDE CASA DE COSTURA

13, Rue du Helder, 13 - PARIS